

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

FELIPE EDUARDO MELO DOS SANTOS

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE JUVENTUDES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA  
(1939-2020)

PONTA GROSSA

2023

FELIPE EDUARDO MELO DOS SANTOS

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE JUVENTUDES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA  
(1939-2020)

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do título de  
Licenciatura em Geografia na  
Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Orientadora: Profa. Dra. Joseli Maria Silva  
Co-orientador: Me. Adir Fellipe Silva  
Santos

PONTA GROSSA

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

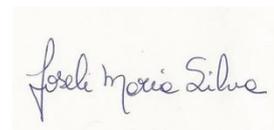
FOLHA DE APROVAÇÃO ATA  
DE DEFESA

Aos 14 dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três, na sala virtual do *google meet*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as): Dra. Joseli Maria Silva (Presidente-Orientadora), Dra. Cintia Cristina Lisboa da Silva (membro) e Laís Neves Lopes (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título "A produção científica sobre juventudes na geografia brasileira (1939-2020)", elaborado por concluinte Felipe Eduardo Melo Dos Santos do Curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, o autor teve vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguido pelos integrantes da Banca. Após o procedimento da avaliação, chegou-se aos seguintes resultados:

O trabalho foi considerado APROVADO COM NOTA 9,5 (NOVE VÍRGULA CINCO)

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

1) Presidente: Dra. Joseli Maria Silva



Documento assinado digitalmente

2) Membro 1: Dra. Cintia Cristina Lisboa da Silva



CINTIA CRISTINA LISBOA DA SILVA  
Data: 15/11/2023 14:52:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

3) Membro 2: Laís Neves Lopes



Documento assinado digitalmente

LAIS NEVES LOPES  
Data: 15/11/2023 14:57:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ponta Grossa, 14 de novembro de 2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Eu, Felipe Eduardo Melo dos Santos RA: 20000902, RG: 58.006.838-9, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica. Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual. Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada. Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003. Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 30 de novembro de 2023.

*Felipe Eduardo Melo dos Santos*

---

Assinatura do Acadêmico

Esta dedicatória se fará em dois momentos

Dedico ao meu avô, Natalio de Souza Lopes e sua irmã Ana Lopes de Souza, as boas memórias que construímos e o amor que temos guardarei para sempre. Ao meu amigo Luan Oliveira Vasconcellos, seu brilho e sua forma única de ver o mundo seguem em minha vida todos os dias.

Dedico ainda a todas, todes e todos, que seguem esperando. Outros mundos são possíveis, outras realidades também, que continuemos procurando caminhos outros.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Felipe de 2019, que optou pela geografia, busquei incessantemente formas de concretizar esse sonho. Já o Felipe de 2020, apesar de todo o medo e da incerteza do que poderia vir a acontecer, permaneceu buscando esse objetivo. Foi assim que novas possibilidades começaram ser construídas e inúmeras surgiram a partir da geografia.

Aos meus pais, dedico também esses agradecimentos, Leticia e Emerson, muito obrigado por me ensinarem que poderia sonhar e buscar muitos caminhos, obrigado por me colocarem perspectivas e me ajudarem a sonhar. Vocês são fundamentais no meu caminho, muito obrigado por cada conversa e incentivo. Agradeço as minhas irmãs, Tais e Patrícia, obrigado por tornarem a vida mais leve, por cada conversa e bons momentos, amo muito vocês. Aos meus avôs, obrigado por cada conversa, incentivo, almoços de domingos e reuniões familiares. Agradeço as minhas tias, tios, primos e primas, a saudade de vocês não foi fácil de saber gerir, mas na mesma medida cada reencontro foi fundamental. Ao meu amor, Gabriel, obrigado por ser sol em um dia cinza no sul do Brasil, você foi fundamental para andamento desse trabalho.

Mari, Jaque e Dani, vocês são o meu trio que sustentaram grande parte dos meus dias até aqui, obrigado por existirem. Assim como Giulia, Mayra e Duda, obrigado por alegrarem minhas manhãs no estágio, mas principalmente, obrigado por seguirem alegrando meus dias. Juju e Titi, obrigado por todas as jantas no R.U, os momentos vividos com vocês são sempre incríveis. Vivi, Beto e Jean, obrigado por tornarem a vida colorida por aqui. Valéria e Eva, obrigado por iluminarem minha chegada ao Sul do Brasil, vocês se fazem em todos meus dias.

Aos colegas de turma, Douglas, Loriane, Gustavo, Carlos, Marcela e Juliana, obrigado por dividirem esses quatro anos. As professoras Carla e Maria Lígia, obrigado por possibilitarem inúmeras construções de conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho do CRAS 31 de Março, obrigado por serem tão acolhedores e mostrarem maneiras de trabalhar a partir da Política Nacional de Assistência Social e principalmente a importância em humanizar esses atendimentos.

Agradeço ao GETE, dos quais Vagner e Tamires foram fundamentais na minha caminhada acadêmica, possibilitando que muitas outras maneiras de ler a realidade fossem possíveis. Jô, obrigado por dividir esses quatro anos de pesquisa, eu vejo esperar em sua produção. Adir e Cintia, obrigado por serem companheiros e estarem sempre por aqui. Agradeço a Laís por aceitar e colaborar com esse trabalho.

Agradeço por fim minha professora de geografia do ensino médio, Camila, obrigado por mostrar uma geografia viva, uma geografia presente na realidade dos educandos e que pode transformar percepções.

A todos vocês, obrigado por existirem no mundo.

“Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como as juventudes foram retratadas por meio de artigos na ciência geográfica brasileira entre 1939 à 2020. Para isso, foi realizado um levantamento no conjunto de 28.838 artigos, que cobre o período de 1939 a 2020, oriundos de 98 revistas *online* cadastradas na área de geografia pelo Sistema Qualis-Capes, referente ao quadriênio de avaliação 2013-2016. Esse conjunto documental faz parte do Observatório da Geografia Brasileira e, para efetuar o levantamento, foram utilizadas as palavras de busca “juventude”, “jovem”, “juvenil”, “adolescente” e “criança” que podem estar presentes nos campos título, resumo ou palavras-chave. O resultado da busca gerou um conjunto de 492 artigos que foi analisado em termos de temporalidade, abordagem temática e autoria. A metodologia utilizada foi a análise de redes sociais (ARS) com o apoio do *software Gephi*. Nossos resultados mostraram que as crianças, adolescente e jovens foram estudados majoritariamente a partir da educação, sociabilidade, campo e violência urbana.

**Palavras-chave:** Conhecimento geográfico; Crianças; Adolescentes; Jovens; Juventudes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Campo científico e o capital científico .....	22
Figura 2: Sobreposição de marcadores sociais.....	28

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de periódicos científicos que publicaram artigos sobre crianças, adolescentes e jovens .....	40
Tabela 2– Relação de temas e quantidade de artigos publicados .....	44
Tabela 3 – Autores centrais da comunidade 1 por grau ponderado .....	48
Tabela 4 – Autores centrais da comunidade 2 por grau ponderado.....	50
Tabela 5 – Autores centrais da comunidade 3 por grau ponderado.....	53
Tabela 6 – Autores centrais da comunidade 4 por grau ponderado.....	54

## LISTA DE GRAFO

Grafo 1 – Grafo de rede bimodal inicial: temas e autores .....	17
Grafo 2 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: Temas e Autores.....	45
Grafo 3 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 1.....	48
Grafo 4– Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 2.....	50
Figura 5 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 3 .....	52
Grafo 6 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 4.....	54

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	14
CAPÍTULO 1- PRODUÇÃO CIENTÍFICA E JUVENTUDES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA .....	18
1.1- CIÊNCIA GEOGRÁFICA E CONCEPÇÕES DE CIENTIFICIDADE.....	18
1.2- JUVENTUDES E SUAS ESPECIFICIDADES .....	24
CAPÍTULO 2- A ABORDAGEM DAS JUVENTUDES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA .....	30
2.1- SILENCIAMENTOS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NO BRASIL .....	30
2.2- O CRESCIMENTO DA ABORDAGEM DAS JUVENTUDES.....	33
CAPÍTULO 3- OS TEMAS E AS AUTORIAS DAS GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES NO BRASIL .....	43
3.1- ABORDAGENS DAS JUVENTUDES.....	43
3.2- OS EXPOENTES DAS GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES .....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
REFERÊNCIAS.....	60

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Laerte

Este trabalho tem por questão central: como as juventudes foram retratadas por meio de artigos na ciência geográfica brasileira entre 1939 à 2020?. Essa questão está dividida em três sub-questões, sendo elas 1- Como as juventudes foram introduzidas na produção de artigos científicos? 2- Quais os temas relacionados às juventudes que foram abordados pela geografia no Brasil? 3- Quem são os principais expoentes da produção científica de artigos científicos sobre as juventudes? A construção dessas perguntas se deu a partir das três iniciações científicas que fiz no Grupo de Estudos Territoriais (GETE), a primeira se constituiu em perceber a maneira com que jovens LGBTQIAP+<sup>1</sup> em Ponta Grossa construíam suas sociabilidades e territorialidade, na segunda e na terceira buscamos entender como foi a introdução das temáticas juvenis na ciência geográfica brasileira. À medida com que as pesquisas eram construídas, minha percepção enquanto jovem, branco e gay, também foi sendo pensada e repensada, compreendendo a estrutura de privilégios e opressões das quais socialmente estamos inseridos. Foi a partir disso que surgiram proposições que foram taxadas como negativas para geografia que não permite outras leituras, quando comecei a trabalhar com as próprias juventudes LGBTQIAP+ e a maneira com que construíam suas sociabilidades em

---

<sup>1</sup> Essa sigla representa a comunidade formada por orientações sexuais e identidades de gênero, representando Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, *Queer*, Intersexual, Assexual, Pansexual e o “+” representa outras pessoas cujas sexualidades ou identidades de gênero não estejam presentes nas primeiras siglas.

Ponta Grossa, fui questionado diversas vezes se realmente aquilo era geografia, ou até mesmo se não estava fazendo um trabalho de sociologia. Quando em uma disciplina fiz a proposição para trabalhar em um campo com as vivências transexuais, novamente recebi o título de uma produção não geográfica.

A justificativa dessa pesquisa se sustenta pela necessidade de cobrir lacunas científicas, notadamente de sujeitos sociais invisibilizados pelas formas de construção de saberes eurocentrados. Silva (2009b) destaca que o saber científico moderno eurocêntrico (recebendo esse nome por ser construído no continente europeu, mas posteriormente através do colonialismo ser inserido em outras sociedades) foi responsável por criar uma ciência geográfica brasileira estruturada na universalidade, objetividade e neutralidade. Enquanto consequência dessa forma de produzir ciência, a autora anteriormente citada, ainda destaca que temos uma ciência hegemônica, assim pessoas não-brancas, não heterossexuais, trans e mulheres tiveram suas vivências silenciadas.

É também desses silenciamentos que percebemos a maneira com que as juventudes não tiveram suas vivências consideradas na construção da ciência geográfica brasileira. Os autores Cardoso e Turra Neto (2011), destacam que as conexões entre geografia brasileira e o estudo das juventudes se faz ainda em fase inicial, não havendo uma tradição dessas temáticas no campo. Compreendemos neste trabalho não haver uma única maneira de ser jovem, assim como os autores Catani e Gilioli (2008) destacam, a partir das relações de gênero vão existir diferenciações na construção das vivências juvenis em sociedade, da mesma maneira as racialidades, orientações sexuais e identidades de gênero podem alterar as vivências.

Diante disso, para alcançar a questão central proposta, foi realizado um levantamento no Observatório da Geografia Brasileira (OGB). O observatório é um banco de artigos científicos organizado e mantido pelo GETE. No momento da consulta, esse banco contava com um conjunto de 28.838 artigos, oriundos de 98 revistas *online* cadastradas na área de geografia pelo Sistema Qualis-Capes, referente ao quadriênio de avaliação 2013-2016 que cobre um período temporal de artigos publicados entre 1939 a 2020. Para acessar os artigos que discutiam as temáticas juvenis, foram utilizadas as palavras de busca 'juventude', 'jovem', 'juvenil', 'adolescente' e 'criança', que podem estar presentes nos campos título, resumo e/ou

palavras-chave. Obtivemos como resultado um conjunto de 492 artigos, que representa 1,7% do total.

Para responder à sub-questão 1, o conjunto de artigos coletados, foram analisados em termos de temporalidade. Para responder as sub-questões 2 e 3, para a análise das abordagens temáticas e de autorias, foi utilizado a metodologia de análise de redes sociais (ARS) proposto por Edson Silva e Joseli Maria Silva (2016). A ARS consiste em revelar os sentidos produzidos pelas conexões entre as palavras, ou seja, a partir dessa metodologia foi possível encontrar a presença das conexões entre os autores que produziram a partir das juventudes e os principais temas que constituíram essa temática científica. A partir da ARS podemos calcular as centralidades de pesquisas, como também a estruturação em comunidades semânticas. Esse processo tem o apoio do *software Gephi* (0.9.7), na elaboração das redes e métricas.

A rede inicial, que apresentamos na figura 1, é dual (tema e autor), composta por 848 nós e 907 arestas. O tamanho dos nós está representado de acordo com a centralidade de grau ponderado<sup>2</sup>, coloridos por modularidade<sup>3</sup> padrão 1.0, constituindo um total de doze comunidades. Entretanto, há duas comunidades sem conexão com os demais (demografia e religião). A distribuição de rede foi o *force atlas 2*<sup>4</sup> (ver Figura 1). Esta rede inicial foi reduzida posteriormente em grau 2 para servir de análise das centralidades temáticas e de autorias do campo, já que os nós com grau 1 são irrelevantes para análise de conexões.

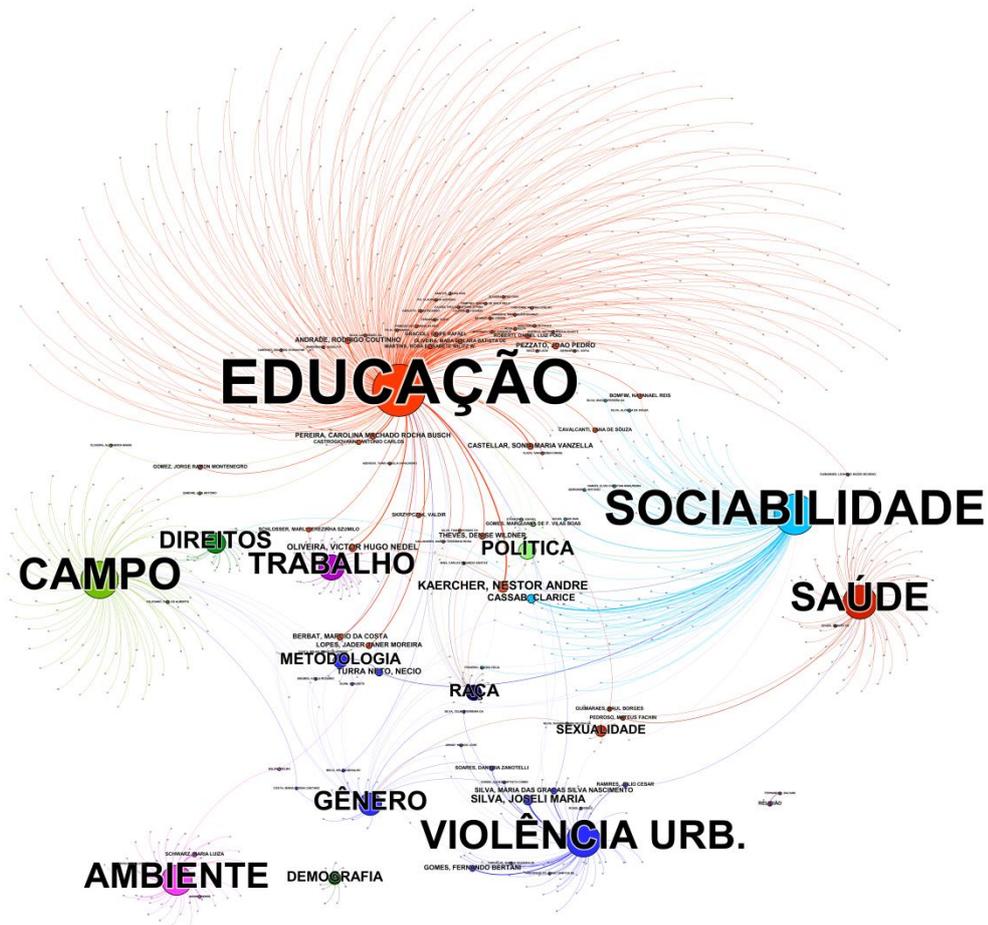
---

<sup>2</sup> Grau ponderado é o número e o peso de conexões estabelecidas pelo nó.

<sup>3</sup> Modularidade é resultado da aplicação de um algoritmo no *software Gephi* que identifica comunidades (clusters) de nós, considerando a proximidade entre eles pela frequência e peso de seus relacionamentos.

<sup>4</sup> *Force atlas 2* é layout de distribuição do grafo.

**Grafo 1** – Grafo de rede bimodal inicial: temas e autores



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo são apresentados os conceitos que estruturam o olhar científico sobre a ciência geográfica brasileira, bem como a maneira com que ausências e silenciamentos foram construídos. Além disso, abordamos as juventudes e a multiplicidade de formas de existir enquanto jovem, assim como a relação que essas juventudes construíram com o desenvolvimento do saber científico geográfico brasileiro. No capítulo seguinte evidenciamos o processo de incorporação das juventudes na produção geográfica brasileira, evidenciado como se comportou temporalmente esse campo científico com as discussões dessa temática. Por fim, no último capítulo exploramos os temas fundamentais, bem como as autorias expoentes no campo das juventudes.

## **CAPÍTULO 1- PRODUÇÃO CIENTÍFICA E JUVENTUDES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA**

Está com medo de que a vida se homossexualize?  
E não falo de meter e tirar  
E tirar e meter simplesmente  
Falo de ternura, companheiro  
Você não sabe  
Como é duro encontrar o amor  
Nessas condições

Manifesto (Falo pela minha diferença)- Pedro Lemebel

Este capítulo tem por objetivo discutir as diferentes concepções dos conceitos que estruturam o trabalho, fazendo uma reflexão em torno dos conceitos de produção científica e juventudes. Isso se deve ao fato de que entendemos que os conceitos são formas específicas de leituras da realidade e que uma pesquisa deve se posicionar em relação às escolhas teóricas e metodológicas que geram as respostas às perguntas estabelecidas.

Refletir sobre a produção científica geográfica nos leva a buscar compreender os agentes produtores da ciência e como as questões juvenis foram abordadas pela ciência geográfica brasileira. Os temas abordados num campo de saber não são aleatórios, mas fruto de tensionamentos internos e também da sociedade em geral. As juventudes durante muito tempo foram esquecidas do debate geográfico, mas paulatinamente vão sendo incorporadas e necessitam ser compreendidas. Nesse sentido, o presente capítulo está dividido em duas seções, a primeira fará uma discussão em torno da ciência geográfica e das relações de poder que a constituem. Já a segunda, buscará as compreensões acerca das juventudes.

### **1.1- CIÊNCIA GEOGRÁFICA E CONCEPÇÕES DE CIENTIFICIDADE**

A humanidade buscou caminhos de compreender sua existência e os acontecimentos que os cercavam. As autoras Marconi e Lakatos (2003) destacam que existem quatro tipos de conhecimento, os quais se distinguem a partir de suas características. Cabe destacar, que apesar de se diferenciarem entre si, não os

hierarquizamos nessa pesquisa. Compreendemos que cada uma contribui e opera para uma determinada concepção de sociedade e até mesmo visa dar significado as necessidades estabelecidas culturalmente. Para diferenciar cada tipo de conhecimento e suas características apresentadas pelas autoras Marconi e Lakatos (2003), esquematizamos o tipo de conhecimento com os principais elementos e características, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1: Tipos de conhecimento e suas características

TIPO DE CONHECIMENTO	CARACTERÍSTICAS
CONHECIMENTO POPULAR	Valorativo. Reflexivo. Assistemático. Verificável. Falível. Inexato.
CONHECIMENTO CIENTÍFICO	Factual. Contingente. Sistemático. Verificável. Falível. Aproximadamente exato.
CONHECIMENTO FILOSÓFICO	Valorativo. Racional. Sistemático. Não verificável. Infalível. Exato.
CONHECIMENTO RELIGIOSO	Valorativo. Inspiracional. Sistemático. Não verificável. Infalível. Exato.

Organização: Autor, 2023

Fonte: Marconi e Lakatos (2003)

Organização: Autor, 2023

Cada tipo de conhecimento é dotado de características próprias. O conhecimento popular se constrói a partir da impressão das crenças do sujeito nos acontecimentos, é assistemático, pois a organização se faz a partir das experiências, dificultando também sua transmissão. O conhecimento filosófico é oriundo das experiências, assim não podem passar pelo processo de confirmação ou até mesmo refutação, buscam também representações da realidade. Por sua vez, o conhecimento religioso é inspiracional, pois suas doutrinas são reveladas pelo sobrenatural, logo, não verificável e inquestionável (Marconi, Lakatos, 2003).

Iniciamos então com a distinção desses conhecimentos, para evidenciar que existem outras formas de compreender a realidade. Para esse trabalho, o fazemos a partir do conhecimento científico, compreendendo que existem características que o definem, mas questionamos também qual realidade e quais sujeitos são compreendidos e ignorados a partir desse fazer científico que imperou durante a modernidade.

Compreendemos que a ciência é uma construção humana e social (Silva, 2009b). Assim, não a vemos isolada da sociedade e sendo construída a partir de um

vazio teórico metodológico, ao contrário, compreendemos ela é socialmente construída (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2017).

Essa ciência que se constrói humanamente, é também marcada por características espaciais europeia, atrelado também a modernidade, buscou um saber objetivo, neutro e universal, invisibilizando sujeitos e anulando saberes que não seguem esse modo de fazer ciência (Silva, 2009b). Podemos perceber então o entrelaçamento entre conhecimento humanamente construído e espacialidade europeia, quando a autora Silva (2009b), destaca:

O saber científico é uma criação humana, marcado por um espaço/ tempo, a Europa do período moderno, que promoveu a acumulação da riqueza material e uma forma particular de concepção do mundo que se tornou universal e hegemônica, anulando a emergência de saberes plurais e de sujeitos que não se enquadraram no protagonismo do conhecimento eurocentrado e masculino. (Silva, 2009b, p. 55 – 56).

A ciência se desenvolveu entrelaçada com a modernidade, se fez temporalmente a partir do século XVI ao século XVIII (César, 2012). No entanto, compreendemos que, apesar de existir uma espacialidade e temporalidade demarcadas, essa forma de fazer ciência veio também às colônias e eles ainda se encontram no fazer científico no século XXI. Evidenciamos então que o próprio corpo teórico metodológico, pode contribuir para criação de hegemonias e manutenção de sujeitos e saberes invisibilizados (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2017).

Com a manutenção dessas hegemonias e silenciamento de sujeitos dessa ciência, existem movimentos de tensionamentos, dos quais, podemos perceber o desenvolvimento de respostas como a decolonialidade. Essa resposta pode ser compreendida como o sul global pautando suas existências e desenvolvendo respostas a partir de si, não sendo como um objeto a ser compreendido pelo norte global. Cabe destacar, no entanto, que a decolonialidade não é o grande salvador, que irá superar todos os problemas da ciência, ao contrário, compreendemos que esse fazer científico não se coloca como universal. Além disso, se colocar enquanto decolonial, não é também descartar todos os saberes construídos no norte global (Ballestrin, 2013).

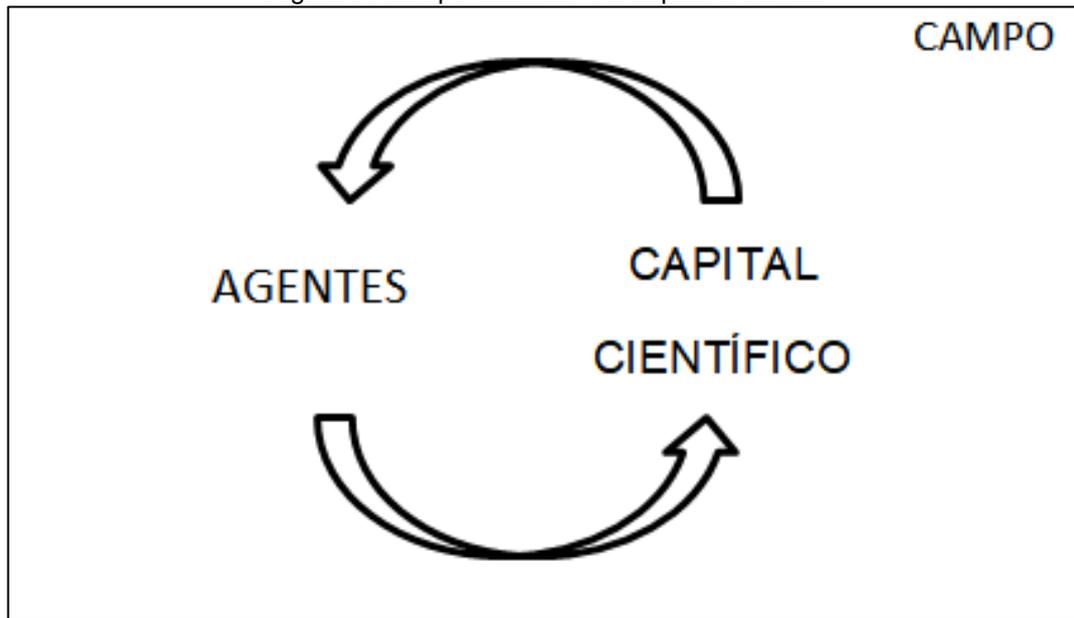
Temos, como outra resposta a esse fazer científico europeu e moderno, as geografias feministas, que por sua vez pautam na construção de um sujeito universal que não compreende as especificidades da humanidade. Segundo o autor Correa (2020), a geografia é uma ciência social, responsável por analisar ações

humanas que moldam a superfície da Terra. Notamos ser a ciência fruto de relações humanas, assim, a autora Silva (2009b), destaca que nesse fazer científico, devemos nos atentar para não buscar formulações universais, uma vez que a humanidade não é uniforme. É também, a partir das geografias feministas, que surge a compreensão de que a ciência está localizada, logo, a partir do local de enunciação, os dados se fazem como resposta a localidade, a autora Silva (2009b), destaca: “conceber a ciência como um conhecimento posicionado e situacional, e portanto, embebido em relações de poder”. (Silva, 2009b, p.57).

Devemos nos atentar a discussão realizada pelo autor Pierre Bourdieu (2004) sobre dois conceitos que nos mostram a organização do campo científico. Bourdieu (2004), nos mostra que existe uma forma de organização do fazer científico que está estruturada no campo, o campo científico. O campo é compreendido pelo autor, como um universo próprio, dotado com suas leis, mas que está também inserido nas regras do mundo social. Assim, ele está inserido dentro da sociedade, mas existem acordos dentro desse campo que o caracterizam. Além disso, precisamos compreender que nesse campo temos relações de poder que podem estruturar as formas com que as relações são estabelecidas, podendo até mesmo orientar os interesses, assim “Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento” (Bourdieu, 2004, p.27).

A partir dessa compreensão de campo, precisamos compreender a relação em que lhe é formadora. Se pensamos então o campo, segundo Bourdieu (2004), como esse universo dotado de relações e campo de forças, precisamos entender que ele dotado de agentes, ou seja, os produtores da ciência. Esses agentes, ao apresentar os produtos de suas pesquisas, recebem uma chancela de seus pares, dizendo então o que, mas principalmente, quanto essa produção agrega ao campo, reconhecendo ou até mesmo, segregando. Podemos, com a Figura 1, perceber que esses agentes estão no campo, mas não são meros passivos, eles constroem o campo na mesma medida que, recebendo o capital científico, podem auxiliar na orientação do campo.

Figura 1: Campo científico e o capital científico



Fonte: Bourdieu (2004).  
Organização: Autor, 2023.

Bourdieu (2004), destaca que o campo é um “espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias” (Bourdieu, 2004, p.20). Assim, um campo sofre também influência de acontecimentos externos e a partir desses acontecimentos, percebemos reestruturações e novas discussões epistêmicas. A partir disso, podemos compreender o campo da ciência geográfica e as alterações pelas quais vem passando nos últimos anos.

Tendo compreendido como o campo se configura a partir de Bourdieu (2004), podemos perceber que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pode se configurar como uma das leis próprias que configuram o campo científico brasileiro. A partir dos anos 70, algumas alterações no desenvolvimento dos mecanismos de avaliação dos Programas de Pós-Graduação foram fundamentais para entendermos como o sistema de Avaliação Qualis- CAPES funciona na atualidade. Esse sistema de avaliação visa analisar a qualificação da produção bibliográfica produzida por discentes e docentes dos Programas de Pós-Graduação do Brasil, sendo então utilizada no processo avaliativo desses Programas. Em 1977, a partir do Conselho Técnico Científico do Ensino Superior (CTC-ES), iniciou a divisão por estratos, sendo eles nesse momento A, B, C, D e E, o resultado dessa avaliação não era disponibilizada para a comunidade, ficando de posse somente das instituições (Barata, 2016).

Em 1990, temos um processo de renovação da forma de avaliação, nesse momento, a avaliação recebia uma nota de 1 a 5 e voltou o olhar para compreensão da quantidade de artigos publicados, observando os valores quantitativos. Em 1988, temos uma nova alteração, essa por sua vez acabou por ser uma das que mais se destacou pelo número de alterações nesse processo avaliativo. Percebeu-se a necessidade de avaliar não somente a quantidade, mas também a qualidade dessa produção. Houve então, a padronização da ficha a partir de 7 quesitos, os quais são “a proposta do programa, o corpo docente, as atividades de pesquisa, as atividades de formação, o corpo discente, as teses e dissertações e a produção intelectual.” (Barata, 2016, p. 15). No entanto, nesse momento já havia um expressivo número de artigos publicados, inviabilizando a avaliação de cada artigo, assim buscou-se a avaliação dos meios de divulgação, que foram organizados em nível local, nacional e internacional, a partir dos estratos A, B e C (Barata, 2016).

A partir de 2007, o CTC-ES propõem uma nova classificação, a partir da qual são revistos os estratos anteriormente disponibilizados, visto que o campo científico não utilizava todos os estratos, e propõem classificar em A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5. Cabe destacar que o estrato C segue sendo utilizado, no entanto, ele é visto como “destinado a publicações que não constituem periódicos científicos ou não atendem aos critérios mínimos estabelecidos em cada área para ser classificado.” (Barata, 2016, p. 16)

A partir daqui, já tendo compreendido então como a ciência moderna foi organizada e ainda na atualidade mantém seu fazer científico, podemos compreender como a geografia brasileira, a partir desse viés moderno, também foi construindo suas hegemonias e sendo marcada por ausências e silenciamentos. Corrêa (2020), ao discutir o conceito-chave, o espaço, nos apresenta a maneira com que determinados conceitos foram mais ou menos utilizados pela geografia em determinados momentos. Arelado a isso, Gomes (2009) destaca que temas ou fenômenos também foram mais ou menos desenvolvidos. Devemos compreender também, segundo esse autor, a maneira com que o próprio campo da geografia foi se orientando para analisar determinados fenômenos e a maneira com que o campo passou por processos de reavaliação, percebemos quando o autor diz:

A cada momento em que correntes ou orientações novas procuraram se impor na geografia, trazendo uma reavaliação do que comporia o conteúdo desta disciplina, elas também se viram forçadas a retrazar a trajetória desse conteúdo na história disciplinar, redescobrimo antigos autores poucos valorizados ou ressaltando aspectos que teriam sido negligenciados. (Gomes, 2009, p.17).

Houve, no campo da ciência geográfica, mudanças significativas nas últimas duas décadas. Para o autor Pinto (2022), destaca-se que a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), foram criadas 18 novas Universidades Federais e 173 novas instituições. Esse período de análise, com destacado pelo autor, marcado pelos Governos Lula, entre 2007-2010, e o Governo Dilma (2011-2014). É, ainda segundo esse autor, que nesse período teve aumento significativo do orçamento na CAPES.

O autor Pinto (2022), destaca que a partir desse aumento, houve também um processo de expansão e interiorização dos Programas de Pós-Graduação no país. Assim, houve na geografia o rompimento da concentração apenas nas regiões Sudeste, o chamado eixo Rio-São Paulo. A partir da interiorização, há uma abertura para novas discussões epistêmicas, compreendendo então que as próprias questões juvenis aqui discutidas recebem maior visibilidade pela ciência geográfica a partir dessa ruptura e concentração na Região Sudeste.

Atrelado a esses processos anteriormente destacados, vemos que a divulgação a partir de revistas eletrônicas também ganhou destaque e auxiliou nas mudanças no campo científico geográfico. Suertegaray (2007), chama a atenção para a mudança na difusão do conhecimento geográfico, a autora destaca há uma possibilidade para canalização dos produtos geográficos.

## 1.2- JUVENTUDES E SUAS ESPECIFICIDADES

Como descrito anteriormente, o modo eurocêntrico e moderno de fazer ciência acabou por criar um sujeito homogêneo, o qual seria heterossexual, branco, cristão e masculino (Silva, 2009b). Caberia também acrescentar a essa concepção, a ideia de que esse sujeito homogêneo é também adulto, haja vista que a ciência geográfica não considerou as especificidades das juventudes no momento de construir sua tradição. Assim, podemos afirmar que as temáticas juvenis não compõem a tradição da ciência geográfica brasileira, podendo então perceber que “o

diálogo entre a Geografia e os estudos de juventude está ainda em fase de incubação, sem grandes sistematizações ou diálogos interdisciplinares” (Cardoso e Turra Neto, 2011, p. 11).

Podemos conceber, em uma perspectiva histórica que a sistematização e criação de distintas faixas etárias é estabelecida a partir das necessidades impostas pela modernidade, necessidades essas compreendidas como as instituições educativas, vida social sendo privada e a separação do tempo-espço privado e do tempo-espço público. Atrelado a isso, podemos perceber também que “A modernidade desejou criar marcadores objetivos fundamentados em um suposto curso natural da vida, de caráter universal, que estabelecia claramente as fronteiras entre as categorias etárias.” (Groppo, 2017, p. 14). Foi, a partir do século XX que vemos um processo de expansão da categoria juvenil. Na América Latina, esse processo começou a ser percebido a partir de 1970 (Cardoso e Turra Neto, 2011).

Vemos também que o próprio processo de sociabilidade juvenil foi sendo alterado historicamente. Antes da modernidade, quando não se tinha bem delimitado o que era juventude, os espaços de sociabilidade eram cerimônias, festas e o trabalho. Até 1950, vemos que os espaços escolares e das universidades eram utilizados no processo de construção das sociabilidades, mas é a partir daqui que as sociabilidades juvenis deixam de ser restritas a esses espaços e assumem também os espaços de lazer e diversão (Turra Neto, 2004). É também a partir da metade do século XX, que vemos a “construção de um mercado de consumo especificamente juvenil” (Turra Neto, 2004, p. 51). O autor destaca para os avanços do Neoliberalismo, assim, temos a criação de uma nova camada de consumo. Para Zygmunt Bauman (2013), as juventudes foram construídas como lata de lixo para o Neoliberalismo. Vemos a correlação entre Nécio Turra Neto e Zygmunt Bauman, pois os autores apontam para a construção e discussão das juventudes a partir de 1950 enquanto demanda do Neoliberalismo.

Se, por um lado observamos as mudanças na concepção do que são as juventudes e a maneira com que elas constroem suas sociabilidades foram sofrendo alterações em momentos históricos, precisamos ainda discutir a maneira com que ser jovem não é algo homogêneo. As autoras Guitart e Rodó-de-Zárate (2017), destacam que:

La juventude está socialmente construída y no es um concepto universal ya que hay importantes diferencias culturales, de classe y de género y las fronteras entre la juventude, la infancia y la etapa adulta son ambíguas y cambiantes em el tiempo y el lugar. (Guitart e Rodó-De-Zárate, 2007, p. 130).<sup>5</sup>

A partir das autoras, podemos perceber que a maneira com que compreendemos as juventudes podem sofrer variações de acordo com o tempo em que estão inseridas, mas também a partir da localidade. Vemos que há respaldo geográfico na compreensão da maneira com que os jovens constroem suas vivências, assim, pensar que ser jovem no Brasil é atribuída determinadas vivências, ser jovem na China ou em países do continente Africano podem demandar outras vivências.

Junto à discussão proposta pelas autoras, compreendemos também que as juventudes são “Uma fase de vida com um valor em si mesmo, como portadora de questões próprias e de dinâmicas culturais, históricas e geográficas específicas” (Turra Neto, 2012, p. 37). Fica evidente então que não compreendemos juventudes aqui no singular, haja visto que existem especificidades que compõem o debate sobre as temáticas, mas principalmente, existem inúmeras formas de viver local e temporalmente a juventude.

Arelada às discussões presentes anteriormente, podemos ainda compreender as juventudes enquanto uma categoria histórica, já que está “sujeita a transformações e metamorfoses, a ponto de poder desaparecer quando dada sociedade se reconfigura” (Groppo, 2017, p. 13). O autor ainda destaca que, a partir dessa compreensão, a demarcação de idade, por ela só, não pode definir o que é juventude, por isso a compreensão de ter um valor em si mesmo (Turra Neto, 2012).

A juventude é marcada local e temporalmente. Não somente nas alterações existentes nos períodos históricos que foram os responsáveis por trazer novas concepções às juventudes. Mas a maneira com que os jovens percebem o mundo ao seu redor e a partir disso buscam suas próprias respostas constituem a sua época, assim, se inviabiliza a comparação de uma geração com outra (Turra Neto, 2012).

---

<sup>5</sup> Tradução do autor: A juventude é socialmente construída e não é um conceito universal, uma vez que existem importantes diferenças culturais, de classe e de gênero e as fronteiras entre a juventude, a infância e a idade adulta são ambíguas e mudam no tempo e no espaço. (Guitart e Rodó-De-Zárate, 2007, p. 130).

A diferença geracional das juventudes diz respeito à maneira com que os jovens agem na sociedade. Não podemos olhar para as juventudes como produtos da geração anterior, ou então acreditar que as juventudes recebem uma sociedade pronta e a partir desse produto somente constroem vivências e reproduzem aquilo que foi concebido anteriormente, não podemos observar uma passividade no que diz respeito às atitudes dos jovens socialmente. As juventudes não são passivas, elas buscam compreender sua localidade e dar respostas as questões a elas apresentadas, assim, com ações e repostas, transformam a sociedade que foi recebida (Santos *et al.*, 2018). Juarez Dayrell (2003), aponta para construção das juventudes no processo de apropriação do social e consequente transformação em representações. O referido autor destaca que nesse processo as juventudes se constroem, assim como suas aspirações e práticas, através das quais significa o mundo e as suas relações.

Se por um lado as juventudes são ativas, por outro, precisamos compreender que vivemos em uma sociedade adultocêntrica e que nossa sociedade se organiza para conceder autoridade desigual considerando a faixa etária. Assim, os adultos são os que gozam de maiores privilégios a partir da ideia de maturidade, sendo a infância considerada com o menos importante. As juventudes são colocadas nesse entre meio. Assim, os jovens, quando comparados a infância, possuem mais relevância. No entanto, quando a juventude é comparada a maturidade ou fase adulta, ela tende a ter menor predomínio de prestígio. (Groppo, 2017).

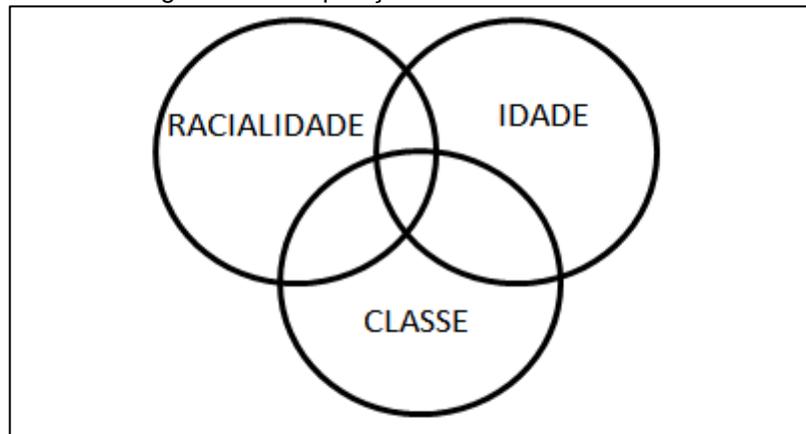
Quando compreendemos que a sociedade se organiza de forma adultocêntrica, estamos alertando para um modo de organização e sistematização social que favorece os adultos e discrimina as crianças, juventudes e os idosos. Sendo assim, o momento da vida no qual se compreender como ser adulto, seria uma vantagem social frente aos demais (Catani e Gilioli, 2008). A sociedade brasileira inaugura com a constituição de 1988 e posteriormente regulamenta a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, uma forma de *status* social as crianças e adolescentes, a partir do qual são vistos como sujeitos de direito não sendo meros objetos de intervenção política e social.

Existem ainda outros marcadores sociais que constroem as vivências das juventudes. Vimos que a ciência moderna foi buscando um sujeito homogêneo, Silva (2009b), não diferente a sociedade foi se firmando nesse sujeito homogêneo e construiu padrões, através dos quais podemos presenciar jovens podendo ser

privados de oportunidades considerando a classe social, racialidade e etnia (Catani e Gilioli, 2008). Assim como esses marcadores podem influenciar nas vivências, o gênero e a orientação sexual, também podem alterar o acesso a oportunidades.

Percebemos então que foi se configurando um encontro de fatores que podem dificultar as vivências juvenis, a Figura 2 demonstrará isso, a maneira com que a sobreposição de marcadores sociais vai sendo responsável pela maneira com que as juventudes constroem sua relação com o mundo.

Figura 2: Sobreposição de marcadores sociais



Organização: Autor, 2023.  
Fonte: Catani e Gilioli, 2008.

Assim, cabe a compreensão que, se como visto anteriormente a localidade vai influenciar, o gênero pode impedir o acesso a determinadas localidades, a raça pode implicar em uma menor expectativa de vida, a classe impede de acessar oportunidades e a orientação sexual pode ser impedimento para experimentar o mundo. Vemos na Figura 2 que há possibilidades distintas que vão favorecer a maneira com que as juventudes se relacionam com o mundo.

Nessa pesquisa entendemos que os marcadores sociais são construções culturais que posicionam as pessoas em diversas redes de poder, como argumentado por Guitart e Rodó-de-Zárate (2017). Numa sociedade capitalista, eurocêntrica, sexista, heteronormativa e adultocêntrica, há privilégios de classe, cor, gênero, raça, sexualidades e idade que influenciam a vivência de distintas juventudes.

A partir disso, compreendemos as juventudes como não fixas, ou seja, que o suas localidades e momento histórico que estão inseridos podem alterar a construção desses sujeitos, compreender essas demandas dentro da produção

científica geográfica brasileira se faz fundamental. Além do mais, do ponto de vista da justificativa social, a pesquisa ganha relevância pelo avanço dos movimentos sociais que as juventudes têm desenvolvido lutando pela vida saudável para futuras gerações. Cabe destacar também, muito embora as juventudes acabem 'herdando' uma sociedade entregue pela geração anterior, eles não são meros receptores passivos nesse processo, cabe também uma ruptura e construção do novo, causando então uma transformação (Santos *et al.*, 2018).

Este capítulo evidenciou as posições teóricas tomadas por base para entender como as juventudes foram retratadas historicamente, recebendo uma divisão a partir da modernidade em uma tentativa de diferenciar e ordenar o curso da vida, atrelado a isso, mostramos que nessa tentativa também criou-se um sujeito universal, que por sua vez caracterizava-se como hetero, branco, cristão e adulto. Mostramos que há ainda muito a ser avançado e discutido dentro da geografia brasileira, uma vez que as discussões voltadas para compreensão das temáticas juvenis não compõem a tradição da ciência geográfica. Caracterizamos que não existe uma única forma de ser jovem, e que para tanto, nessa pesquisa compreendemos as juventudes no plural, visto que classe social, gênero, raça, etnia e sexualidade podem ser alguns dos marcadores sociais que, de modo sobreposto, pode vir a alterar a maneira com que as juventudes constroem suas sociabilidades.

## CAPÍTULO 2- A ABORDAGEM DAS JUVENTUDES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua  
 Quero ganhar a luta que eu travei  
 Eu quero andar pelo mundo afora  
 Vestida de brilho e flor  
 Mulher, a culpa que tu carrega não é tua  
 Divide o fardo comigo dessa vez  
 Que eu quero fazer poesia pelo corpo  
 E afrontar as leis que o homem criou pra dizer  
 Que se usa decote, é puta  
 E se a saia tá curta, é puta  
 E se dá no primeiro encontro, é puta  
 Se raspa o cabelo, é sapa  
 E se deixa crescer os pelos, é zoadada  
 Se tem pau entre as pernas, é trava  
 Mas se bota salto alto, é santa  
 E se usa 44, é gorda  
 Mas se usa 38, é muito magra  
 Se sai depois das onze, vai voltar arrombada  
 Por que ela pediu, né? Tava na cara  
 Olha a roupa que ela saiu de casa  
 E todo discurso machista continua  
 "Menina, você devia usar uma roupa menos curta"

(Todxs Putxs- Ekena)

Este capítulo tem por objetivo evidenciar os silenciamentos existentes na ciência geográfica brasileira a partir das temáticas juvenis, destacando que fenômenos e sujeitos não foram considerados na constituição desse campo. Essas ausências se fizeram na construção de um campo científico a partir do fazer moderno europeu. Ademais, mostraremos a maneira como o tema das juventudes foi incorporado no discurso da ciência geográfica brasileira, destacando os principais acontecimentos encontrados e como as temáticas voltadas para crianças, adolescentes e juventudes foram retratadas. Por fim, analisaremos os periódicos científicos, evidenciando a produção científica sobre as juventudes nesse veículo de divulgação científica.

### 2.1- SILENCIAMENTOS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NO BRASIL

Ficou evidente a partir das reflexões de Pierre Bourdieu (2004), que existem relações de poder dentro do campo científico e que a partir delas temos orientações e disposições, ou seja, favorecendo fenômenos e sujeitos que serão apreendidos nos processos de compreensão da realidade. Isso também se evidenciou, uma vez que a autora Joseli Maria Silva (2009b), destaca a produção científica brasileira a partir de um viés eurocêntrico e moderno, construindo um sujeito hegemônico, a partir do qual toda construção do conhecimento científico geográfico foi pensada, sendo esse sujeito, homem, branco, heterossexual e cristão. Para Silva (2010), quando expressamos que “o espaço geográfico é a materialização da sociedade e de que toda a existência humana é espacial” (Silva, 2010, p. 41), estamos trabalhando com uma forma de compreensão fortemente aceita pelo campo da ciência geográfica e pelos agentes desse campo, no entanto, precisamos destacar que nem toda humanidade foi abarcada nessa concepção.

Para o autor David Bell (2011), ao discutir as geografias das sexualidades, precisamos pensar a maneira com que a geografia pensa seu passado, pois a partir dessas concepções de passado é que será utilizada na estruturação do presente e também irá orientar o futuro. Partindo da pergunta “O que foi, terá sido?”, o autor reflete sobre a maneira com que a geografia das sexualidades foi sendo organizada. Para nós, neste trabalho, essa pergunta é extremamente valiosa, uma vez que questionamos a maneira com que o campo foi sendo construído e como estrutura seu presente, uma vez que muitos sujeitos não foram vistos e suas vivências foram silenciadas. Podemos então, a partir desses silenciamentos, compreender o que foi destacado por Silva (2009a), que para ela, houve um processo de naturalização dos discursos hegemônicos, construindo uma barreira de impedimento, a partir da qual esse privilégio era mantido e a “diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades” (Silva, 2009a, p.26) eram negados.

A partir da autora Joseli Maria Silva (2009b), podemos perceber a maneira com que a geografia construiu um discurso que deixou mulheres a margem. Para ela, “não quer dizer que as mulheres, embora invisíveis no discurso científico geográfico brasileiro, não tenham uma existência espacial” (Silva, 2009b, p. 89). A autora destaca, que há uma espacialidade para mulheres e que essa não foi considerada na geografia brasileira. Uma vez que na constituição do campo, temos

a utilização de um saber eurocêntrico e moderno, que fez com que criássemos um sujeito homogêneo, todos os sujeitos que não se adequassem a essa norma, não tinham suas vivências observadas pela geografia (Silva, 2009b).

Não somente vivências espaciais de mulheres foram silenciadas. Podemos perceber, a partir do autor Adir Felipe Silva Santos (2022), que há uma baixa produção na geografia sobre as racialidades, que começa a ser desenvolvida, principalmente a partir dos anos 2000, sendo após 2010, que acontece um aumento das publicações sobre as questões raciais, destacado pelo autor. Ademais, podemos ainda compreender que de modo interseccional, as discussões sobre racialidade e gênero na geografia foram silenciadas, a partir das autoras Cíntia Cristina Lisboa da Silva e Lorena Francisco de Souza (2022), fica evidente que as autoras não encontraram trabalhos discutindo criticamente gênero na epistemologia das racialidades, ou seja, conforme destacado por elas, haviam trabalhos que se propuseram a contabilizar o número de mulheres produzindo a partir dessas discussões, mas que não havia ali uma discussão crítica sobre racialidades e gênero. Atrelado a isso, as autoras supracitadas, destacam que o mesmo vale para as geografias feministas no Brasil, não havendo construção de uma crítica nas discussões das questões raciais nesses trabalhos.

Vemos também que as discussões sobre as sexualidades, foram silenciadas na geografia brasileira, haja visto que o sujeito hegemônico foi constituído enquanto heterossexual e as demais espacialidades da comunidade LGBTQIAP+ foram apagadas. Para a autora Silva (2010), há de se considerar que as discussões sobre sexualidades e gênero na geografia geram polêmicas e desconfortos. A autora segue apresentando que para nós, agentes produtores dessas pesquisas, acabamos tendo o desmerecimento e a não crença de que realmente trabalhamos com geografia, enquanto uma realidade no nosso cotidiano. Percebemos então que a geografia brasileira foi constituída nesse fazer moderno, silenciando racialidades, o gênero feminino e não-binário e a comunidade LGBTQIAP+. Cabe, no entanto, destacar, que há em todas essas vivências a questão etária e as geracionais, assim, todos esses silenciamentos antes apontados são atravessados por momentos etários da vida, compreendidos enquanto criança, juventudes, adultos e idosos.

A partir dessas vivências atravessadas, é perceptível que existem variáveis quando esses fatores se sobrepõem, uma vez que ser jovem gay é diferente de ser

mulher lésbica trans. Assim, pensado nas diferentes construções das espacialidades existentes, vemos o apagamento das juventudes na geografia. A partir dos autores, Diogo da Silva Cardoso e Nécio Turra Neto (2011), percebemos como essa temática não compõem a tradição do pensamento geográfico. O que por sua vez demonstra que atrelado aos demais marcadores, as espacialidades juvenis foram também silenciadas no discurso da geografia brasileira, uma vez que o saber moderno se construiu de forma adultocêntrica, silenciando experiências de crianças, jovens, adolescente e idosos. Podemos perceber, que nas relações de poder existentes dentro do campo científico da geografia brasileira, vivências e construções de espacialidades foram apagadas e silenciadas. Cabe, no entanto, apontar que os estudos desses silenciamentos na atualidade não nos fazem produzir uma geografia menor, ou uma não geografia, a autora Silva (2009b), destaca:

Assim, qualquer fenômeno social é passível de ser analisado geograficamente, e os fatores que inibem a visibilidade de determinadas abordagens dentro de um campo de saber são a incapacidade das pessoas de ultrapassar os limites da segurança do pré-estabelecido, a repetitiva aplicação de “técnicas” e, ainda, a mera operacionalização de conceitos. (Silva, 2009b, p. 89).

O que fica evidente então a partir dessa citação é que também compete a geografia discussões a cerca das sexualidades, gênero, racialidades, juventudes, crianças, idosos e outros sujeitos e fenômenos silenciados e negligenciados dentro do campo científico geográfico. O que temos enquanto campo científico geográfico vem sendo criado por agentes e são esses que acabam não indo além do que é norma nesse campo e não abarcando discussões outras que abarcam espacialidades até então silenciadas no fazer geográfico desses autores.

## 2.2- O CRESCIMENTO DA ABORDAGEM DAS JUVENTUDES

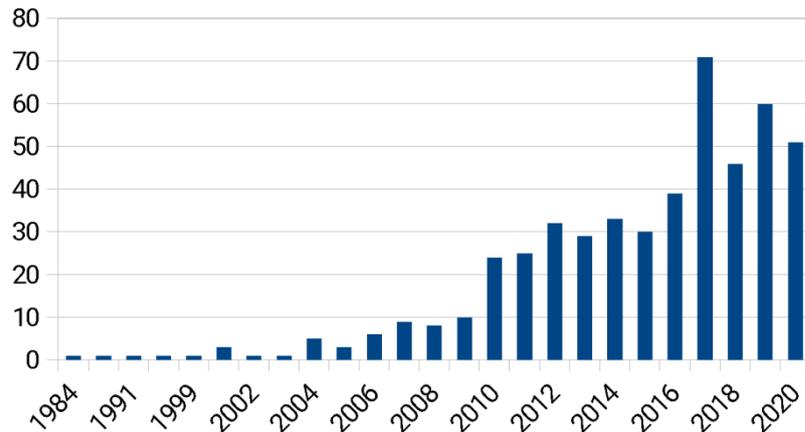
A fim de compreender a maneira com que a geografia brasileira introduziu as juventudes em sua produção, a partir dos artigos científicos em periódicos *on-line*, utilizamos o Observatório da Geografia Brasileira (OGB), um banco de artigos organizado e mantido pelo GETE-UEPG. A partir desse banco, conseguimos acessar os artigos produzidos desde 1939 ao ano de 2020. O recorte inicial se faz a partir da Revista Brasileira de Geografia, primeiro periódico lançado em território nacional. Em relação à 2020, se deu a partir do último ano de registro do OGB.

Para se efetivar o acesso aos artigos e compreender o perfil dessa produção, utilizamos os termos: “juventude”, “jovem”, “juvenil”, “adolescente” e “criança”, para realizar a busca no OGB, para tanto, buscamos essas ocorrências nos títulos e/ou resumos e/ou palavras-chave, pois, compreendemos que elas compõem a discussão envolvendo essa temática. Posterior a essa coleta, fizemos a análise e separação em planilhas, levando em conta as variáveis título do artigo, autorias, periódicos e o estrato de qualificação das revistas. Assim, conseguimos construir os gráficos e tabelas que seguem nesse capítulo.

Percebemos, a partir dessa coleta e posterior sistematização, a maneira com que se configuraram a produção acerca das temáticas juvenis no Brasil. Evidenciamos que a produção sobre essas temáticas teve seu início de forma tímida, uma vez que, entre os anos de 1939 ao ano de 1980, não foram encontrados artigos publicados relacionados a essa temática. Logo, percebemos que por 41 anos há uma ausência na produção geográfica brasileira a respeito desse assunto.

A geografia brasileira tem então, a partir de 1980 paulatinamente, ou seja, aos poucos, desenvolvido o campo de saber que envolve as crianças, adolescentes e jovens. É desde os anos 80, com o artigo inaugural intitulado ‘*Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de mapas e pré-mapas*’, de autoria de Lucy C. Marion Philadelpho Machado e Lívia de Oliveira, que essa produção começa a ganhar forma e vem cada vez mais embolsando força, principalmente a partir da segunda década dos anos 2000. O Gráfico 1 evidencia esse crescimento.

Gráfico 1 – Artigos científicos publicados na geografia brasileira sobre crianças, adolescentes e jovens



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Vemos com o gráfico, a maneira com que a geografia brasileira vem produzindo sobre essa temática. Como produto dos primeiros 41 anos iniciais, vemos o acanhamento que se perdurou até os anos 2000. Há de se destacar os apontamentos do autor Pinto (2022), quanto aos processos aos quais a geografia brasileira passou nos últimos 20 anos, com a criação e interiorização de novos Programas de Pós-Graduação, fazendo com que tivéssemos uma abertura epistêmica para novas discussões. 1 demonstra o começo das discussões a cerca das temáticas aqui em tela.

Quadro 2- Primeiros artigos encontrados na geografia brasileira sobre crianças, adolescentes e jovens.

TÍTULO ARTIGO	AUTORIA	TEMA	ANO
Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de pré-mapas e mapas	Machado, Lucy Marion c. Philadelpho; Oliveira, Livia de	Educação	1980
Trabalho de campo no ensino da Geografia na escola de 1º e 2º graus	Castrogiovanni, Antonio Carlos	Educação	1984
Para a construção do espaço geográfico na criança	Paganell, Tomoko Lyda	Educação	1987
A cidade de São Paulo no imaginário infantil piedadense	Soares, Maria Lúcia de Amorim	Sociabilidade	1991
Separatismo: autonomia x autoritarismo ou através da fala dos adolescentes questionamos o senso comum	Kaercher, Nestor André	Política	1992
Ensino de geografia: uma proposta metodológica para o uso da literatura infanto-juvenil na sala de aula, por professores de geografia	Ferreira, Cássia de Castro Martins	Educação	1999

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

A partir da tabela 3, podemos evidenciar as principais autoras (os) que publicaram assim que essa discussão adentra o campos científico geográfico. Quando voltamos nosso olhar para os 80 e 90, podemos perceber que nessa produção há uma predominância de abordagens sobre educação geográfica, que aqui são entendidas enquanto a preocupação com o ensino de geografia para crianças e adolescentes. O artigo inaugural que destacamos anteriormente, sendo de autoria de Lucy C. Marion Philadelpho Machado e Livia de Oliveira, é voltado para experiências realizadas com grupos de estudantes de uma escola estadual paulista a partir de fotografias aéreas, cartões postais e a planta do espaço urbano de Rio Claro/SP. As autoras destacam que realizaram esses experimentos baseando na teoria de Jean Piaget buscando explicações sobre a percepção espacial. Posteriormente, a partir do processo de obtenção dos dados, foram realizadas um conjunto de sugestões e apontamentos de cunho didático para professores de geografia.

O segundo artigo que encontramos no OGB, foi publicado por Antonio Carlos Castrogiovanni (1984) e versa sobre ensino de geografia. Nesse trabalho, o autor discorre sobre a função do professor em um contexto geral e destaca para as características envolvidas no ser professor de geografia, destacando que devemos pensar as relações dos elementos que formam o espaço, para esse autor, deve-se utilizar o campo como ferramenta no trabalho. O terceiro artigo encontrado é de Tomoko Lyda Paganell (1987), e traz um conjunto de reflexões sobre o espaço e a maneira com que ele é percebido por crianças, percepções e utilizações de crianças sobre espaço urbano. Ademais traz uma proposta para reflexão colocando o espaço geográfico a ser ensinado nas escolas como um processo construtivo de conhecimento, fazendo do aluno sujeito de atuação e transformação da realidade.

Podemos perceber, ao adentrar os anos 90, que há ainda uma predominância sobre a temática de ensino da geografia se mantendo na abordagem de crianças e adolescentes. Essa tendência se faz a partir de produções como da autora Soares (1991), do autor Kaercher (1992) e da Ferreira (1999). Ao analisar os artigos da Soares (1991) e do Kaercher (1992), notamos que em ambos se faz presente uma preocupação em comum, que é tornar o educando um protagonista na produção do seu conhecimento. Atrelado a esse ponto, percebemos também, que a partir desses textos, há uma discussão que visa problematizar a realidade em que os estudantes

estão inseridos para além da aprendizagem de conteúdos. O artigo da autora Soares (1991) com o título '*A cidade de São Paulo no imaginário infantil piedadense*', se fez baseado nas representações construídas pelos estudantes a partir de suas realidades, a autora levou em consideração o discurso desses educandos como centrais para criação de uma realidade espacial a partir desses sujeitos. O artigo do Kaercher (1992), que leva seu título *Separatismo: autoritarismo X autonomia ou através das falas dos adolescentes questionamos o senso comum*, explora a realidade política e também social do sul do Brasil a partir do processo de separatismo, como sendo aquele em que há reivindicação de criação de um novo país, sendo neste caso a Região Sul do Brasil. Esse autor constrói o trabalho colocando a elaboração do discurso dos estudantes como um ponto central, através do qual se pode partir compreensões de como o conhecimento é elaborado de forma relacional sobre a vida política do país.

É o responsável por fechar os anos 90 o artigo da Ferreira (1999), neste trabalho que carrega o título '*Ensino de Geografia: Uma proposta metodológica para o uso de literatura infanto-juvenil na sala de aula por professores de geografia*', percebemos sua construção a partir da necessidade e insatisfação de professores por não saberem como trabalhar com recursos literários além do livro didático. A autora parte para caminhos que auxiliariam a escolha do livro infanto-juvenil a ser trabalhado considerando a realidade da turma, por fim ela destaca alguns encaminhamentos que poderiam ser levados em consideração para execução desses trabalhos e aponta um conjunto de livros com o intuito de serem utilizados.

Fizemos essa seleção dos seis primeiros artigos publicados no campo da geografia para demonstrar a maneira com que inicialmente foi sendo estruturadas essas discussões sobre as temáticas envolvendo crianças, juventudes e adolescentes. Junto a essa consolidação das discussões sobre educação, precisamos destacar que houve uma predominância feminina nessa produção inicial, haja visto que dos 6 artigos encontrados, 4 levam como autoria mulheres e 2 deles tem autores masculinos em sua produção. Ademais, como evidencia a tabela 2, há nesse momento uma concentração de publicações na revista Boletim Gaúcho de Geografia, contando com 3 artigos. As revistas Terra Livre e Geografia contam, respectivamente, com 2 artigos e 1 artigo.

Quadro 3- Localidade das revistas que receberam os primeiros artigos sobre crianças, adolescentes e jovens

Revista	Localidade
Geografia	Unesp rio claro <sup>6</sup>
Boletim gaúcho de geografia	Seção porto alegre da associação de geógrafos brasileiros <sup>7</sup>
Terra livre	Associação dos geógrafos brasileiros <sup>8</sup>
<i>Terra livre</i>	Associação dos geógrafos brasileiros
Boletim gaúcho de geografia	Seção porto alegre da associação de geógrafos brasileiros
Boletim gaúcho de geografia	Seção porto alegre da associação de geógrafos brasileiros

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes e a descrição sobre a revista em seu *site*.

Como demonstrado no gráfico 1, é que a partir dos anos 2000 que temos a abordagem sobre crianças, adolescentes e jovens se tornando mais frequente e, embora ainda tenhamos o tema da educação enquanto marcante na produção científica geográfica, é possível evidenciar uma crescente diversificação de temas. O artigo que é responsável por abrir esse período, aqui entendido como de diversificação de abordagens do grupo de crianças, adolescentes e jovens foi escrito pela autora Helena Angélica de Mesquita (2000), intitulado ‘*Os meninos vão à luta*’. Nesse artigo, a autora evidencia a ação na luta pela terra no Brasil, recortando para as ações juvenis frente a essa demanda. Cabe destacar que a autora trabalha com as juventudes pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST), destacando o acontecimento conhecido como Massacre de Corumbiara, ocorrido o sul de Rondônia, em 1995. Nesse episódio ela constata a força de repressão executado pelo Estado, sendo essa força a responsável por ferir, prender e matar sujeitos ainda menores de idade. Atrelado a isso, o Estado consegue criar estigmas sociais, como fez com esses jovens que lutavam pelo direito a terra, colocando-os adjetivos como os de marginais e baderneiros. Há de se perceber que essas imposições se fizeram sobre um grupo social em situação de vulnerabilidade pela pobreza.

É então a partir dessa abertura epistêmica dos anos 2000, no contexto da produção científica sobre crianças, adolescentes e jovens, que vemos a produção se

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/about>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/about>

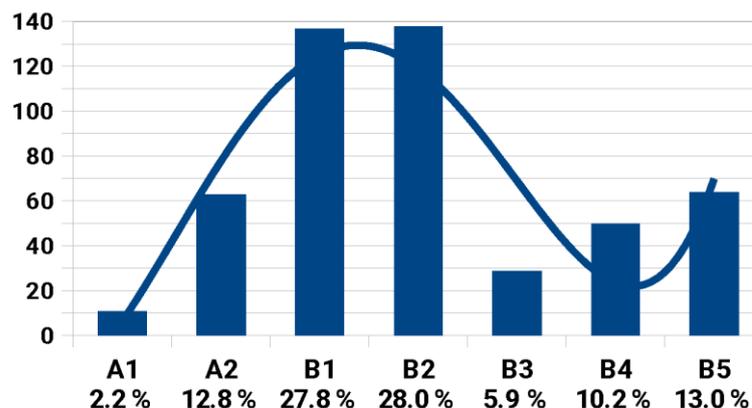
<sup>8</sup> Disponível em: <https://agb.org.br/terra-livre/>

tornando cada vez mais rica, plural e também trazendo a esses sujeitos um protagonismo importante enquanto atores sociais. Essas novas discussões se fazem fundamentais uma vez que compreendemos as juventudes no plural. As autoras Guitar e Rodó-de-Zárate (2007) destacam que as juventudes são socialmente construídas, abertas então para uma pluriversalidade de concepções, vivências e fatores sociais, fatores esses dos quais podemos destacar, por exemplo, questões culturais, as vivências generificadas e as classes sociais.

Se partirmos então dessa concepção de juventudes no plural e percebemos que após os anos 2000 até 2020, artigos focados em culturas juvenis, movimentos sociais, identidades e sociabilidades são produzidos de forma mais intensa, estamos compreendendo que outras formas e maneiras de se pensar as vivências juvenis dentro do campo científico geográfico brasileira estão sendo pensadas. Há de se pensar as espacialidades juvenis generificadas, a partir das racialidades e até mesmo a maneira com que a população LGBTQIAP+ vem construindo. Partir de um pressuposto de sujeito universal de uma ciência moderna, como apontado pela autora Silva (2009b), é fazer valer as hegemonias científicas.

Essa produção científica conquistou espaços de publicação em revistas localizadas majoritariamente nos estratos B1 e B2 do Sistema Qualis-CAPES (avaliação do quadriênio 2013-2016), como evidencia o Gráfico 2, que demonstra uma linha de tendência (polinomial grau 4) da distribuição dos artigos por estrato.

Gráfico 2 – Distribuição dos artigos publicados sobre crianças, adolescentes e jovens por estrato de qualificação Sistema Qualis – CAPES (2013-2016)



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

É perceptível, a partir do gráfico, que a concentração se faz principalmente no estrato B2 e B1, tendo respectivamente 28% e 27,8% dos 492 artigos que foram

encontrados. As revistas com qualificação B5, contam com 13% dessas publicações, as revistas A2 e B4 carregam, respectivamente 12,8% e 10,2% da produção encontrada. As revistas com o menor número de artigos são as B3 que contam com 5,9% e as revistas A1, aquelas que ocupam o ‘topo da pirâmide’ como as mais bem classificadas tem o menor índice, apenas 2,2% dos artigos publicados sobre essas temáticas.

Atrelado às relações de poder que estruturam os campos, a maneira com que as publicações são distribuídas nos periódicos científicos podem ser diferenciadas. Quando Suertegaray (2007) destaca para o novo momento científico de divulgação, ela diz respeito a uma nova maneira de comunicação e divulgação científica, que por sua vez se faz a partir de periódicos científicos *on-line*. Informações que outrora levavam mais tempo para serem consultadas podem ser feitas rapidamente e em diversas regiões do mundo.

Foi então a partir desse novo momento de canalização dos produtos científicos em periódicos *on-line* que compreendemos ser fundamental também analisarmos a maneira com que as publicações científicas foram tratadas nessa distribuição em revistas científicas da ciência geográfica brasileira. Mesmo que a partir do gráfico 2 tenhamos evidenciado a existência enquanto a tendência termos de concentração de publicações nos estratos estabelecidos pelo Sistema Qualis-CAPES, a produção é publicada de forma pulverizada, ou seja, não podemos destacar uma concentração dos artigos científicos somente em 1 ou 2 revistas científicas, aliás, pelo contrário. O OGB conta com 98 periódicos científicos pelo Sistema Qualis-CAPES (2013-2016), desses, os 492 artigos estão dispersos entre 89 revistas.

Procuramos, apesar dessa produção pulverizada, tentar compreender quais as revistas que nesse período concentraram o maior número de publicações, foi a partir disso que percebemos a existência de alguns periódicos que acolhem a temática com maior frequência, que podem ser vistos na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 – Relação de periódicos científicos que publicaram artigos sobre crianças, adolescentes e jovens<sup>9</sup>

Nome Periódico	Nº Artigos	%
Revista Brasileira de Educação em Geografia	35	7.1 %

<sup>9</sup> Para construção da tabela levamos em consideração as revistas com 2% ou mais de publicação sobre as juventudes.

Revista Latino-americana de Geografia e Gênero	34	6.9 %
Caminhos da Geografia	24	4.9 %
Hygea	20	4.1 %
Revista NERA	18	3.7 %
Interespaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade	15	3.0 %
Revista Presença Geográfica	13	2.6 %
Revista Paranaense de Desenvolvimento	11	2.2 %
Revista Tamoios	11	2.2 %
Terr@ Plural	11	2.2 %
Para Onde!?	10	2.0 %
Terra Livre	10	2.0 %

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Como vimos no contexto dos primeiros anos em que as temáticas começaram a ser discutidas na geografia, o tema da educação recebeu maior concentração, assim também verificamos que a Revista Brasileira de Educação em Geografia, como aponta em seu site<sup>10</sup> voltada para relações de ensino. Essa revista, recebeu o maior número de artigos publicados, sendo 35 submetidos para esse periódico. A Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, que, segundo suas informações disponíveis em seu *site*<sup>11</sup>, é voltada para as questões referentes a geografia, gênero e sexualidades, além de propiciar o debate acadêmico para os pesquisadores dessa área, conta com 34 artigos desse montante encontrado no OGB.

A Revista Caminhos da Geografia, que segundo informações contidas em seu *site*<sup>12</sup>, é voltada para divulgação da ciência geográfica levando a interface Humana, Tecnológica e Ambiental, contou com 24 artigos. Já a revista Hygea<sup>13</sup>, voltada para as áreas médicas e da saúde coletiva, buscando interdisciplinaridade com epidemiologia e saúde coletiva, contou com 20 artigos. Vemos que as demais revistas da tabela ainda contaram com um número entre 18 e 10 publicações, evidenciando mais uma vez que isso se fez pela pulverização existente nesse conjunto analisado.

O capítulo evidenciou a forma com que a geografia brasileira silenciou e criou ausências enquanto se constituía uma ciência moderna europeia. Vivências espaciais generificadas, racializadas e a partir das sexualidades não foram construídas na tradição desse campo científico, considerando haver uma resistência

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo>.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/about>.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/about>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/about>

no campo, como apontado pela autora Silva (2009b). Essas posições do campo se fizeram, para se manter enquanto um fazer científico neutro e universal, utilizou desses silenciamentos para manter as hegemonias desse sujeito que auxilia na tentativa desse saber universalizado. Vimos que atrelada a todas as temáticas silenciadas, as questões relacionadas às juventudes também foram, já que o saber científico nesse modelo europeu foi sendo desenvolvido enquanto um saber adultocêntrico. Demonstramos também a maneira com que o número de publicações encontrado no conjunto de artigos do OGB sobre crianças, adolescentes e jovens é reduzido, uma vez que foram encontrados 492 artigos, pulverizada entre periódicos científicos da geografia, já que encontramos em 89 periódicos, mas é possível destacar que, nesse recorte temporal aqui estudado e com os grupos sociais aqui em tela, houveram diversificações na maneira com que a ciência geográfica abordou. Se em um primeiro momento, nos anos 80, os artigos estiveram focados no ensino da geografia e os sujeitos eram expostos à intervenção pedagógica, nos anos 90, percebemos uma tendência de trazer esses grupos como protagonistas do seu aprendizado, tentando deixar de lado uma passividade existente no processo. Ademais, é possível reconhecer que nessa concepção de incorporação dos grupos estudados houve uma diversificação temática, principalmente nos últimos 20 anos, essa diversificação será analisada com maior detalhamento no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 3- OS TEMAS E AS AUTORIAS DAS GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES NO BRASIL

Entre a oração e a ereção  
 Ora são, ora não são  
 Unção, benção, sem nação  
 Mesmo que não nasçam  
 Mas vivem e vivem e vem  
 Se homens se amam, ciúmes  
 Se hímen, se unem  
 Há quem costumeiramente ama  
 A mente ama também  
 A mente ama também  
 Não queimem  
 Não queimem  
 Não queimem as bruxas (Não queimem)  
 Mas que amem as bixas, mas que amem  
 Clamem, que amem, que amem

Oração- Linn da Quebrada

Este capítulo tem por objetivo demonstrar as diferentes formas como as juventudes foram retratadas pela geografia brasileira, trazendo a discussão da diversificação temática que foi sendo introduzida no âmbito da ciência geográfica no Brasil. Também evidenciamos as autorias que se destacaram nesse campo, isso se faz importante, pois compreendemos que um campo científico é imbricado de relações de poder, assim, compreender quem são os produtores ou agentes que constroem o conhecimento científico é fundamental.

### 3.1- ABORDAGENS DAS JUVENTUDES

A partir do capítulo anterior, ficou evidente a maneira com que a discussão das juventudes foi introduzida no campo científico da geografia brasileira. Entre os anos de 1929-1979 nenhum artigo acerca dessa temática foi encontrada, evidenciando as discussões sobre ausências e silenciamentos apresentadas no capítulo 1. Foi a partir de 1980 que essa temática começou a ser abordada pela geografia, tendo o início de suas discussões, voltadas principalmente para o tema da educação. A partir da sistematização e análise dos dados, conseguimos identificar as principais temáticas que foram discutidos nos 492 artigos encontrados no OGB a cerca de crianças, adolescentes e jovens, como podemos ver na tabela 2. Cabe,

destacar que 18 artigos foram classificados em mais de um tema. Assim, para construção das redes esses foram contabilizados mais de uma vez.

Tabela 2– Relação de temas e quantidade de artigos publicados

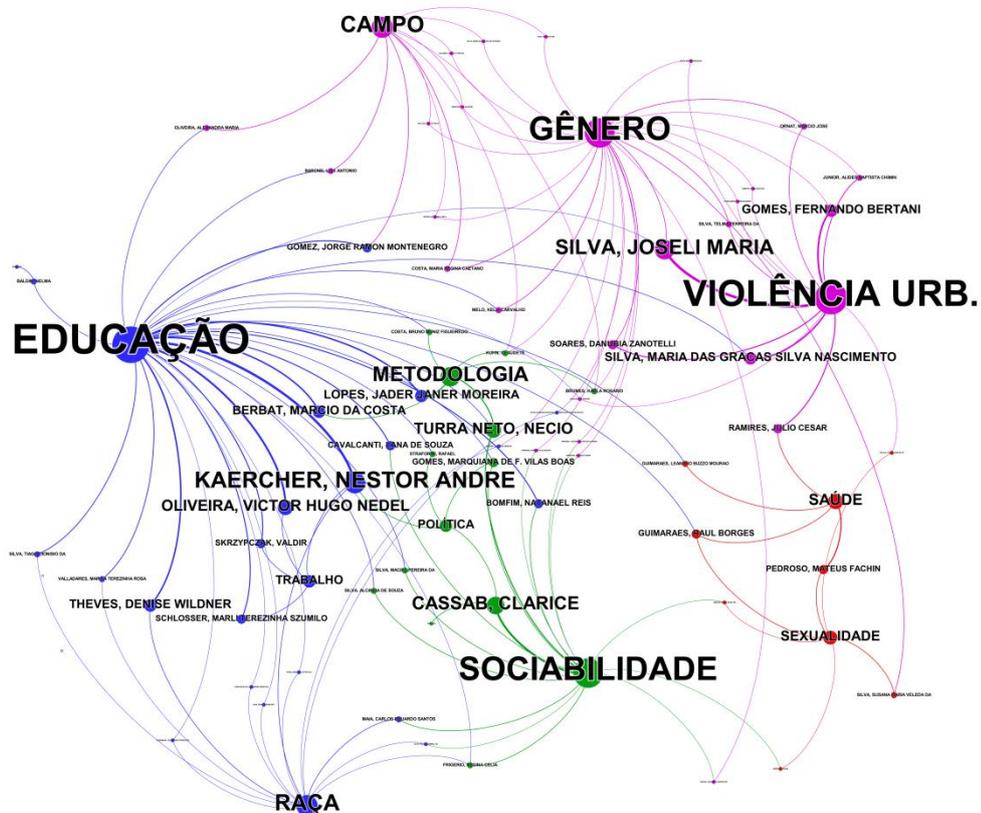
TEMA	Nº ARTIGOS
EDUCAÇÃO	233
SOCIABILIDADE	62
CAMPO	35
VIOLÊNCIA URBANA	31
SAÚDE	21
AMBIENTE	20
GÊNERO	18
TRABALHO	17
DIREITOS	14
POLÍTICA	9
RAÇA	9
SEXUALIDADE	8
DEMOGRAFIA	6
METODOLOGIA	6
RELIGIÃO	3

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

A rede inicial que foi exposta e discutida na introdução deste trabalho foi reduzida para o grau 2, ou seja, foram retirados os nós de autores que mantinham apenas uma ligação com algum tema. Para análise de centralidades, as métricas de rede foram recalculadas, inclusive a modularidade. A rede recalculada está composta de 79 nós e 138 arestas. O tamanho dos nós está representado de acordo com a centralidade de grau ponderado e estão coloridos por modularidade 1.4, gerando 6 comunidades. A distribuição dos nós está representada pelo *layout force atlas 2*, como podemos observar na Figura 2. Contudo, apenas 4 comunidades serão analisadas, já que 2 comunidades, religião e demografia, estão isoladas do conjunto da rede<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> As comunidades 5 e 6 (religião e demografia respectivamente) constituem apenas 2,8% da rede total e, pelo fato de serem isoladas do conjunto, não serão analisadas.

Grafo 2 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: Temas e Autores .



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes

O grafo de rede demonstrado na Figura 2 apresenta os principais temas através dos quais as crianças, adolescentes e jovens foram abordados e discutidos dentro do campo científico da geografia brasileira, em termos de artigos. A partir dessa figura 2, podemos retirar as comunidades, ou seja, as relações e agrupamento existentes entre os artigos e os produtores desses. A comunidade 1 é composta pelos temas “educação”, “raça”, “trabalho” e “ambiente”, a comunidade 2 discute “sociabilidade”, “metodologia”, “política” e “direitos”, a comunidade 3 carrega “violência urbana”, “gênero” e “campo”, por sua vez, temos na comunidade 4 a presença de “saúde” e “sexualidade”.

O tema<sup>15</sup> mais significativo envolve a educação, com 46,5% dos artigos; seguido de sociabilidades, com 12,9%; campo, 7,6%; violência urbana, 7,1%; saúde,

<sup>15</sup> Do total de 492 artigos, 18 deles abordavam mais do que um tema. Assim, um mesmo artigo foi computado em duas temáticas.

4,1%; ambiente, 3,9%; gênero, 3,7%; trabalho, 3,3%; direitos, 2,7%; política, 1,8%; raça, 1,8%; sexualidade, 1,6%; demografia, 1,2%; metodologia, 1,2%; e, por último, religião com 0,6%.

Podemos perceber, como foi demonstrado no início das discussões sobre as temáticas pesquisadas nesse trabalho, temos a educação como um dos principais focos de discussão, como apresentado no gráfico 1, em que apresentamos a maneira com que as juventudes foram introduzidas no campo científico da geografia brasileira.

As quatro comunidades<sup>16</sup> representadas em cores diferentes no grafo da Figura 2, foram formadas por proximidade entre temas e autores, bem como autores entre si, configurando um campo específico de produção científica que envolve crianças, adolescentes e jovens. A comunidade congregando os temas “educação”, “raça”, “trabalho” e “ambiente”, representa 31,6% da rede total, formada por 25 nós e 34 arestas,

Fica evidente que, como vimos no capítulo anterior, a maior concentração de artigos a cerca de jovens, adolescentes e crianças, tem como marco de aumento em sua produção os anos 2000. Vimos que nesse momento temos segundo o autor Pinto (2022), o processo de expansão e interiorização dos Programas de Pós-Graduação.

Cabe ainda apontar a importância em constituir essas abordagens múltiplas. Vimos, a partir das autoras Guitart e Rodó-de-Zárate (2017), que as juventudes não são universais, não podemos partir de um princípio universalizante como se todas as sociedades pensassem e construíssem suas organizações de vida da mesma forma. Da mesma maneira os autores Catani e Gilioli (2008) destacam que existem especificidades na maneira com que os jovens constroem suas relações com o mundo. Há, segundo os autores, de se pensar que mulheres e homens jovens não serão afetados pelo mundo da mesma forma, assim como pessoas heterossexuais e juventudes LGBTQIAP+ terão suas vivências diferenciadas. Podemos a partir desses apontamentos perceber que essa diversificação de abordagens contribui para que as juventudes sejam analisadas em suas multiplicidades de existências.

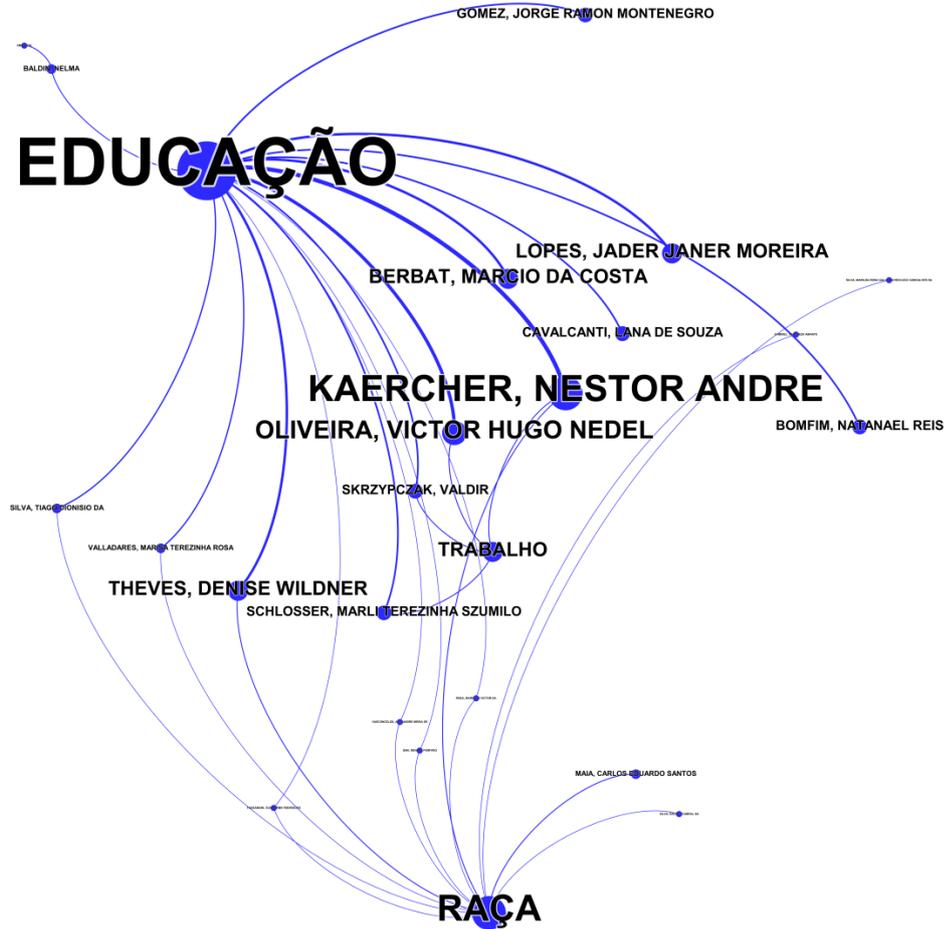
---

<sup>16</sup> As comunidades de nós foram obtidas através do software *Gephi* com modularidade 1.4. Modularidade é um algoritmo do software que organiza os nós de maior proximidade por frequência e peso dos relacionamentos.

### 3.2- OS EXPOENTES DAS GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES

Na figura 2 evidenciamos que a análise modular da rede que bimodal que traz os temas e autores forma 4 comunidades, expressas nas cores azul (comunidade 1), verde (comunidade 2), rosa (comunidade 3) e vermelho (comunidade 4). O autor Bordieu (2004), destaca para as relações de poder existentes dentro de um campo científico. Podemos, no âmbito da ciência geográfica brasileira perceber que essas relações de poder orientaram para ausências e silenciamentos desse campo, assim como auxiliaram na resistência a abertura epistêmica, como apontado pela autora Silva (2009b), ao discutir as geografias feministas. Assim, apontaremos aqui as comunidades e os principais autores destacados nelas, evidenciando que um saber científico é constituído por agentes e que eles fazem parte de seus resultados de pesquisa. Podemos, a partir da figura 3, perceber a comunidade 1 e na tabela 5 as autorias centrais.

Grafo 3 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 1



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Tabela 3 – Autores centrais da comunidade 1 por grau ponderado<sup>17</sup>

Autores	Grau	Grau Ponderado	Intermediação
<b>KAERCHER, Nestor Andre</b>	4	16	0.022694
<b>OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel</b>	2	10	0.004921
<b>BERBAT, Marcio da Costa</b>	2	8	0.004446
<b>LOPES, Jader Janer Moreira</b>	2	8	0.004446
<b>THEVES, Denise Wildner</b>	2	8	0.002986
<b>CAVALCANTI, Lana de Souza</b>	2	6	0.008514
<b>GÓMEZ, Jorge Ramon Montenegro</b>	2	6	0.016104
<b>SKRZYPCZAK, Valdir</b>	2	6	0.004921
<b>SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo</b>	2	6	0.004921

<sup>17</sup> A centralidade de grau é o número de conexões que o nó acumula na rede. A centralidade de grau ponderado se dá pelo peso dos relacionamentos que o nó acumula na rede. A centralidade de grau de intermediação é um índice gerado pelo número de vezes que o nó se posiciona entre os demais nós da rede.

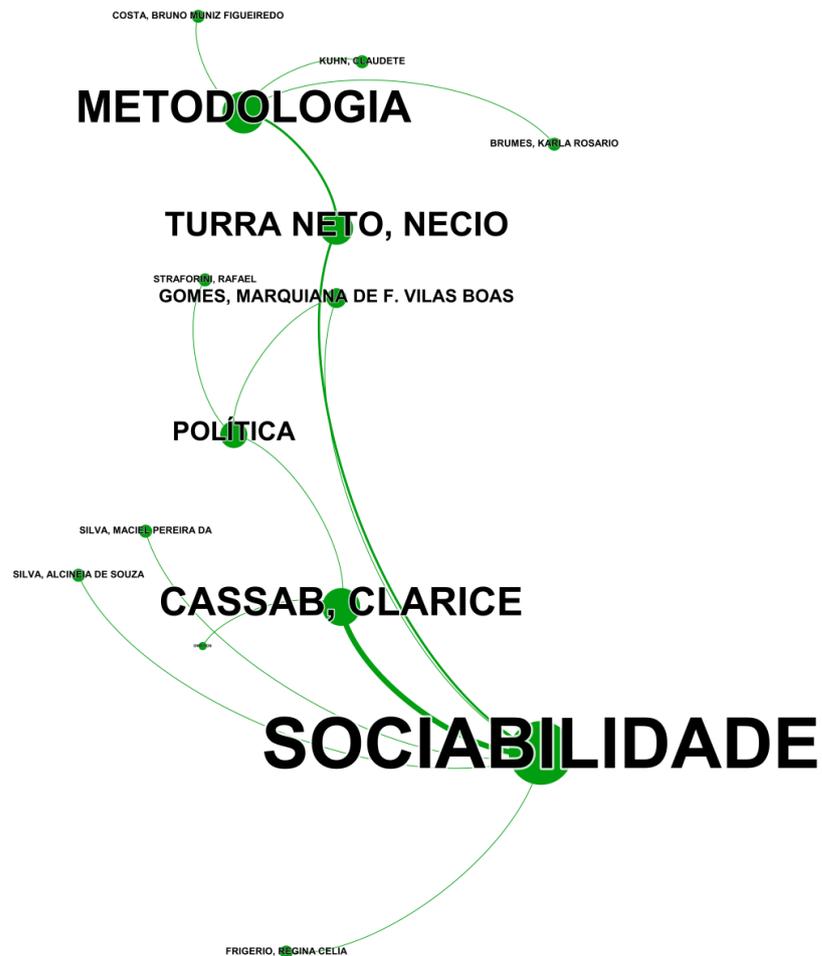
Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Fica evidente que os temas “raça”, “trabalho” e “ambiente” vem sendo objetos de discussão da educação no campo da geografia. As discussões sobre o trabalho dos jovens no campo, o trabalho infantil e a relação com a educação são as que formam esse conjunto de artigos. A questão “ambiente” é tratada, em sua maioria, a partir do modo com que os estudantes constroem suas percepções sobre determinado espaço ou ainda pelo desenvolvimento de práticas visando a educação ambiental. A raça é tratada pela construção da visibilidade da cultura negra, quilombola e indígena nos processos educativos.

Esta comunidade é hegemonicamente formada pelo tema “educação” e podemos evidenciar que os autores protagonistas são André Nestor Kaercher e o Victor Hugo Nedel Oliveira, sendo os responsáveis por produzir artigos cuja abordagem é a educação geográfica e a juventude contemporânea (Oliveira; Kaercher, 2015; 2016a; 2016b; 2017).

Temos na comunidade 2, representada pela figura 4 a seguir, a presença dos temas “sociabilidade”, “metodologia”, “política” e “direitos”, representa 17,8% da rede total, com 14 nós e 14 arestas. Precisamos destacar que as comunidades não são isoladas entre si, assim a comunidade 1 com discussão central levada pela “educação” se liga com a comunidade 2, através do tema “política”. O elemento articulador dessas comunidades é a produção científica da Marquiana de F. Vilas Boas e do Rafael Straforini. Em ambas as obras, os autores são responsáveis por explorar o universo da educação geográfica, trazendo como destaque o espaço cotidiano dos estudantes. É a partir da realidade concreta de pessoas, que se torna possível a constituição da noção de um espaço notadamente constituído pelas escalas e pelas relações de poder (Gomes M., 2017; Morimitsu, 2019; Straforini, 2002; Panutto; Straforini 2014). Na Figura 4 está expressa a junção dos temas “sociabilidades” e “metodologia” como os mais expressivos da comunidade 2, assim como a relevância da produção científica da Clarice Cassab e do Nécio Turra Neto. Temos ainda na tabela 4 os autores principais em grau ponderado.

Grafo 4– Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 2



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Tabela 4 – Autores centrais da comunidade 2 por grau ponderado

Autores	Grau	Grau Ponderado	Intermediação
<b>CASSAB, Clarisse</b>	3	12	0.028499
<b>TURRA NETO, Necio</b>	3	10	0.018515
<b>GOMES, Marquiana de F. Vilas Boas</b>	3	6	0.018505
<b>STRAFORINI, Rafael</b>	2	4	0.006467
<b>KUHN, Claudete</b>	3	4	0.011051
<b>BRUMES, Karla Rosario</b>	3	4	0.011051
<b>FRIGERIO, Regina Celia</b>	3	4	0.015028
<b>COSTA, Bruno Muniz Figueiredo</b>	2	4	0.004446
<b>SILVA, Alcineia de Souza</b>	2	4	0.008514

**SILVA, Maciel Pereira da**

2

4 0.008514

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

A comunidade 2 demonstra um afastamento da exploração dos sujeitos estudantes, mostrando uma produção científica que investiga outras faces das vivências de crianças, adolescentes e jovens. É nessa produção de artigos, que os jovens aparecem como protagonistas, ou seja, não são meros passivos, mas se constituem enquanto sujeitos políticos constituidores das cidades (Cassab, 2009; 2010a), são responsáveis por processos de apropriações de espaços urbanos fazendo isso com suas culturas específicas (Turra Neto, 2009; 2010) e reivindicam seus direitos de viver e habitar a cidade (Cassab, 2010b). Além disso, temos nessa comunidade uma produção que traz os jovens a partir de recortes específicos de classe (Mendes; Cassab, 2013), de localização espacial e cultura religiosa (Toledo; Cassab, 2019), bem como demonstra que a temporalidade do dia é também uma das faces a serem consideradas nas distintas vivências juvenis da cidade (Turra Neto, 2017).

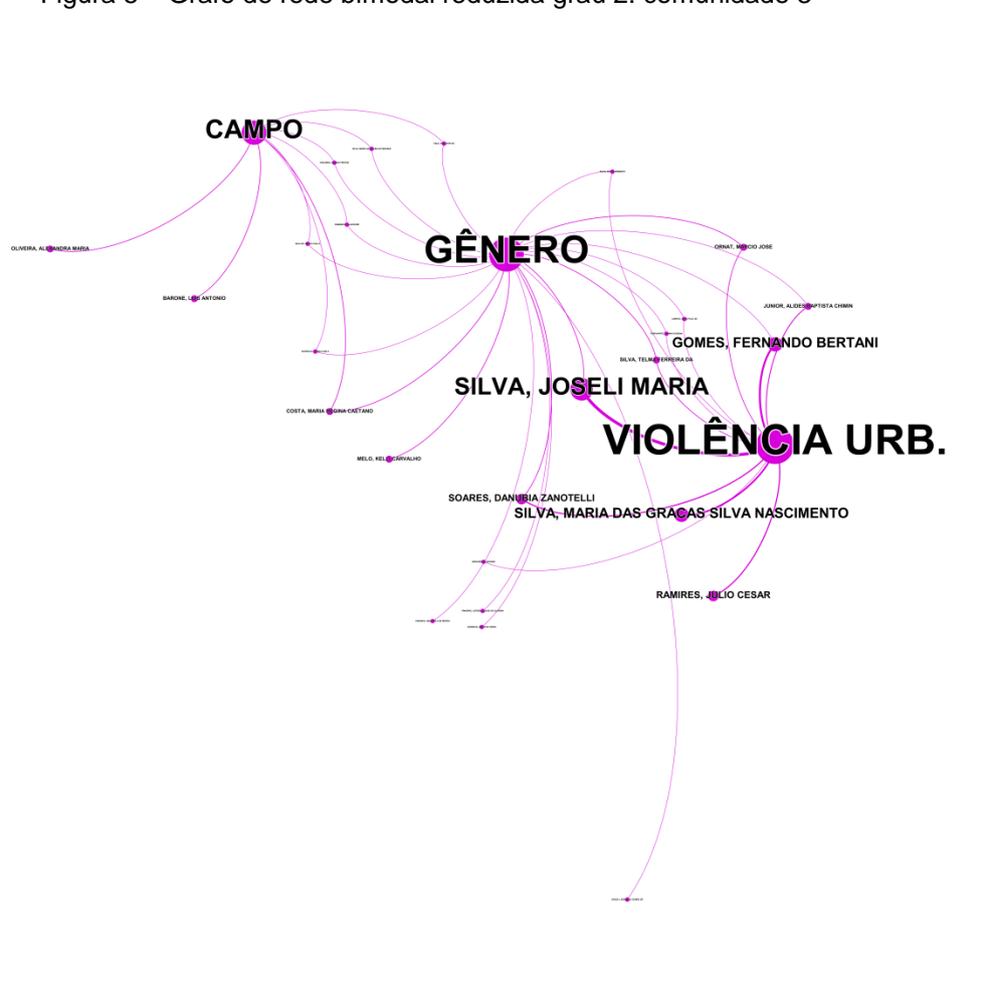
Temos ainda na comunidade 2 uma produção científica em torno das metodologias que visam maneiras ou caminhos para se construir conhecimentos sobre juventudes. Estas discussões fazem-se notáveis a partir dos artigos publicados pelo autor Nécio Turra Neto. É a partir desse autor, que os jovens são percebidos enquanto sujeitos políticos e, atrelado a isso o pesquisador também desenvolve um conjunto de negociações através das quais seja possível a construção de uma metodologia em que os jovens alcancem protagonismo a partir da produção de conhecimento e não sejam resumidos a objetos sobre os quais se disserta sobre algo (Turra Neto, 2011; 2012).

A comunidade 2 demonstra o nascimento de uma frente epistemológico da geografia brasileira, ou seja, vemos aqui o surgimento das discussões para pensar a produção do conhecimento sobre as juventudes. E nessa comunidade que percebemos a produção contendo uma abordagem majoritária sobre juventudes e também expressa o aprofundamento do interesse de produzir conceituações sobre juventudes e metodologias, notadamente pela produção de Nécio Turra Neto.

Quando analisamos a comunidade 3, podemos perceber uma maior conexão com a comunidade 2 do que com a comunidade 1. Essa terceira comunidade é composta de artigos mais recentes e pode ser visualizada na Figura 5. Essa tem em

sua constituição os temas “violência urbana”, “gênero” e “campo”. Representando 36,7% da rede total, com 29 nós e 42 arestas. O tema “gênero” surge como conector dos outros dois. O gênero está vinculado ao campo, tem em sua constituição os artigos que tratam de migração feminina do campo para cidade, a exploração do trabalho feminino na agricultura familiar e questões geracionais relacionadas à saída das mulheres do campo, como pode ser visto nas autoras Brumer e Anjos (2008), Deggerone, Laroque e Barden (2014), Foguesatto, Artuzo, Lago e Machado (2016), Paula e Hespanhol (2017), Faria, Ferreira, Paula (2017) e Bueno e Veleda da Silva (2020).

Figura 5 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 3



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

A relação entre o gênero e a violência urbana possui duas frentes de artigos. Uma delas tem em sua estrutura os artigos que dissertam sobre a violência contra as mulheres jovens, adolescentes e crianças, como pode ser observado nas autoras

Lyra e Silva (2018), Campos, Silva e Silva (2019) e Soares e Silva (2020). A outra frente que constitui essa abordagem trata da construção das masculinidades por meio de ações violentas, atos infracionais cometidos por adolescentes, ou ainda crimes praticados por jovens, como analisado nas autorias Gomes e Silva (2017), Gomes F. B. (2017) e Chimin Junior (2009), como pode ser percebido na tabela 5.

Tabela 5 – Autores centrais da comunidade 3 por grau ponderado

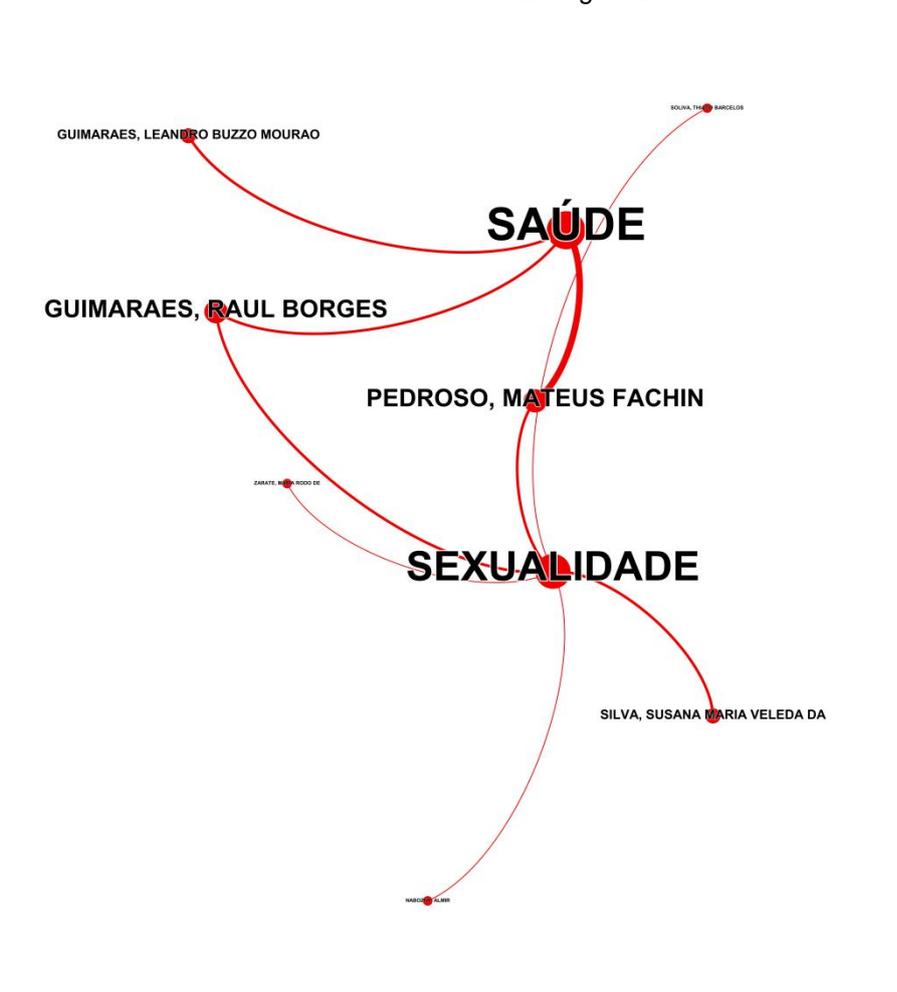
<b>Autores</b>	<b>Grau</b>	<b>Grau Ponderado</b>	<b>Intermediação</b>
<b>SILVA, Joseli Maria</b>	3	14	0.057213
<b>SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento</b>	2	8	0.020642
<b>GOMES, Fernando Bertani</b>	2	8	0.003143
<b>SOARES, Danubia Zanotelli</b>	2	6	0.003143
<b>RAMIRES, Julio Cesar</b>	2	6	0.007609
<b>CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista</b>	2	4	0.003143
<b>BARONE, Luis Antonio</b>	2	4	0.016104
<b>SILVA, Telma Ferreira da</b>	2	4	0.003143
<b>MELO, Kelli Carvalho</b>	2	4	0.033427
<b>OLIVEIRA, Alexandra Maria</b>	2	4	0.016104
<b>ORNAT, Marcio Jose</b>	2	4	0.003143
<b>COSTA, Maria Regina Caetano</b>	2	4	0.00202

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Podemos perceber ainda que a comunidade 3 é formada pelos temas “violência urbana”, “gênero” e “campo”, essa faz uso do recorte etário, majoritariamente de adolescentes e jovens, sendo as crianças menos abordadas. Muito embora os artigos dissertem sobre os recortes etários como um elemento importante de análise, pode-se perceber que a conceituação dos estágios de vida da juventude ou da adolescência não mereceu maior atenção por parte das pesquisas realizadas, ou seja, o foco das discussões não eram esses recortes, mas sim as discussões orientavam para gênero e a classe.

Por fim, evidenciamos que a comunidade 4 é pequena e suas conexões mais consideráveis são com a comunidade 3. Ela é constituída pelos temas “saúde” e “sexualidade” e representa 11,4% da rede total, com 9 nós e 9 arestas, conforme pode ser visualizado na Figura 6. Podemos ainda, perceber a partir da tabela 6 os principais autores que constituem essa comunidade.

Grafo 6 – Grafo de rede bimodal reduzida grau 2: comunidade 4



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Tabela 6 – Autores centrais da comunidade 4 por grau ponderado

<b>Autores</b>	<b>Grau</b>	<b>Grau Ponderado</b>	<b>Intermediação</b>
<b>PEDROSO, Mateus Fachin</b>	2	6	0.001889
<b>GUIMARAES, Raul Borges</b>	3	6	0.035095
<b>SILVA, Susana Maria Veleda da</b>	2	4	0.016732
<b>GUIMARAES, Leandro Buzzo Mourão</b>	2	4	0.013863
<b>NABOZNY, Almir</b>	2	2	0.006537
<b>SOLIVA, Thiago Barcelos</b>	2	2	0.006023
<b>RODÓ-ZÁRATE, Maria</b>	2	2	0.006537

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

A comunidade 4 é constituída por dois eixos dos quais podemos perceber o primeiro como o de “saúde” e o segundo como o eixo da “sexualidade”. No eixo da saúde percebe-se pesquisas sobre a inclusão escolar e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, escrito pelo autor Leandro Buzzo Mourão Guimarães (2015), entre outros do mesmo aspecto. Por sua vez, o eixo de sexualidades aborda

as vivências espaciais de pessoas com sexualidades dissidentes da heteronormatividade. O artigo de Diego Miranda Nunes e Susana Maria Veleda da Silva (2020) busca compreender os encontros homoafetivos e o ciberespaço. Enquanto a autora Maria Rodó de Zárate (2016) estuda o direito à cidade para as mulheres jovens lésbicas. A produção de Mateus Fachin Pedroso e Raul Borges Guimarães é a responsável pela conexão de ambos os eixos, essa conexão é feita com artigos que examinam a relação entre a população jovem e o HIV, suas subjetividades e a maneira com que ressignificaram o espaço urbano, tendo como recorte a cidade de Presidente Prudente (Pedroso; Guimarães, 2015; 2017).

Podemos compreender a maneira com que comunidades 3 e 4 são constituídas por artigos que envolvem a concepção de uma vivência corporificada, ou seja, são evidenciados alguns elementos corpóreos que podem promover as diferenças entre pessoas de grupos de crianças, adolescentes e jovens. De um lado, se a abordagem do estágio de curso de vida (infância, adolescência e juventude) não foi nessas comunidades problematizado com profundidade, há de se destacar em adversidade que as comunidades 3 e 4 constituem uma discussão para os sujeitos encarnados e possibilitando assim outras formas de conceber as geografias das crianças, adolescentes e jovens.

Percebemos ainda que artigos presentes nas comunidades 3 e 4, embora ainda expressivos no campo, são constituídos a partir da possibilidade de pensar que as experiências, além de localizadas socialmente, temporalmente e espacialmente, são também corporificadas, envolvendo as marcas de classe, raça, gênero e sexualidades, atrelado a isso temos também idade.

Este capítulo demonstrou que o tema educação, abordado na comunidade 1, foi a principal frente de discussão a partir do número de artigos dentro da geografia brasileira a cerca de jovens, adolescentes e crianças. Foi com o apoio da tabela 4 que demonstramos a maneira com que “sociabilidade” e “metodologia” são outros temas também com um número de artigos a serem destacados. Assim, evidenciamos os principais temas que foram discutidos a partir dos sujeitos discutidos neste trabalho. Com o apoio das Redes, nós conseguimos encontrar as conexões existentes entre as comunidades e o surgimento de discussões a cerca de uma epistemologia das juventudes para geografia, como mostramos na comunidade 2. Neste trabalho compreendemos que existem relações de poder que permeiam a produção do conhecimento científico, assim, com as tabelas 5 e 6, pudemos

demonstrar quem são as principais autorias expoentes da produção científica de artigos sobre as juventudes. Podemos destacar autores como Nestor Andre Kaercher, Victor Hugo Nedel Oliveira, Clarisse Cassab, Necio Turra Neto, Joseli Maria Silva, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Mateus Fachin Pedroso e Raul Borges Guimarães. Vimos que as discussões caminham para uma compreensão de juventudes “no plural” , já que não podemos pensar em uma única maneira de ser jovem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Laerte

Esta pesquisa teve como fio condutor a compreensão da forma com que as juventudes foram retratadas por meio de artigos da produção científica geográfica brasileira entre os anos de 1939 a 2020. Foi com este processo de pesquisa que evidenciamos a maneira com que as temáticas sobre jovens, crianças e adolescentes foram compondo a discussão geográfica brasileira, assim como os principais temas e autores expoentes nessa discussão.

A ciência geográfica brasileira, que foi sendo constituída a partir de um fazer científico moderno e eurocêntrico, ao criar um sujeito universal para se alcançar a objetividade e neutralidade na compreensão da realidade, fez com que a compreensão das juventudes não fizesse parte da tradição desse campo científico. Assim, as especificidades que compõem as vivências juvenis foram silenciadas na geografia brasileira.

Pudemos comprovar neste trabalho, que o crescimento se deu recentemente, ao trabalharmos com o Observatório da Geografia Brasileira, tínhamos como recorte todos os artigos produzidos e publicados em periódicos *on-line* desde 1939 ao ano de 2020. O que comprovamos aqui, foi que o primeiro trabalho publicado envolvendo a discussão de crianças, juventudes e adolescentes se deu no ano de 1980, com o artigo de Lucy C. Marion Philadelpho Machado e Lívia de Oliveira, cujo título é “Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de pré-mapas e mapas”, assim, fica evidente que nos primeiros anos de geografia brasileira, essa discussão não se fez presente. Foi possível com este trabalho ainda evidenciar que, muito embora tenhamos como marco inicial o ano de 1980, é efetivamente a partir dos anos 2000 que temos o crescimento e abordagem de outros temas que envolvem as temáticas juvenis.

Constatamos que as juventudes foram abordadas de distintas maneiras. Hegemonicamente o tema de “educação” deu o tom de abordagem das juventudes, contando com 233 dos 492 artigos encontrados no OGB. A “sociabilidade” foi o segundo tema com maior número de artigos, contando com 62, percebe-se que existe uma aprofundada diferença entre o número de artigos publicados entre os temas da educação e sociabilidade. Na sequência temos campo, violência urbana, saúde, ambiente, gênero, trabalho, direitos, política, raça, sexualidade, demografia, metodologia e religião, tendo os três últimos temas respectivamente 6, 6 e 3 artigos encontrados. É a partir dessa diversidade temática que destacamos a importância de se pensar em múltiplas juventudes, existem marcadores que constroem sociabilidades, assim, jovens cis gênero construíram suas vivências diferentes de jovens trans gênero, na mesma medida que as racialidades e as vivências generificadas podem construir particularidades.

As pessoas que se destacaram no campo de produção sobre juventudes são André Nestor Kaercher e o Victor Hugo Nedel Oliveira, quando olhamos para comunidade que discute educação. Clarisse Cassab e Nécio Turra Neto se destacam na produção voltada para as sociabilidades e metodologias, é a partir dos temas de Gênero, campo e Violência Urbana que as autoras Joseli Maria Silva e Maria das Graças Silva Nascimento Silva se destacam e por fim, nas discussões de Sexualidades e Saúde temos Mateus Fachin Pedroso e Raul Borges Guimarães como destaques. Foi a partir deste trabalho que demonstramos a maneira com que a produção acerca das juventudes se divide nos estratos de avaliação dos periódicos científicos nos critérios Qualis-CAPES. Temos uma produção publicada majoritariamente em revistas B2 e B1, tendo essas respectivamente 28 e 27,8% dos 492 artigos publicados, as revistas B5 contam com 13%, A2 e B4 ocupam 12,8% e 10,2%, essas revistas se destacam por serem as que mais receberam artigos que discutem juventudes, crianças e adolescentes, em contrapartida, revistas B3 contou com 5,9% dessa produção e a revista A1, que ocupa posição central a partir da avaliação Qualis-CAPES, contou com 2,2% dessa produção.

Portanto, demonstramos que as discussões que envolvem as temáticas das juventudes, crianças e adolescentes não fizeram parte da tradição do pensamento geográfico brasileiro e é a partir de 1980 que vemos uma abertura inicial as temáticas aqui em tela, mas que efetivamente a partir dos anos 2000 que a geografia brasileira intensifica essa discussão. Junto a isso, foi possível detectar que

apesar de haver alguns eixos hegemônicos de abordagem das juventudes, há uma tendência de diversificação de temas, como gênero, sexualidades, raça, metodologia, campo, dentre outros. Isso se faz fundamental para esse campo, uma vez que não existe uma única forma de ser jovem, a diversificação de temáticas contribui para outras apreensões da realidade.

## REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, p. 89-117, maio-agosto de 2013.
- BARATA, R. C. B. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, 2016. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/947>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo/ Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- BELL, David. O que foi terá sido: A Geografia a partir do *queer*. In: SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. **Espaço, gênero e poder**: conectando fronteiras. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2011, p. 201-214.
- BORDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRUMER, A.; ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista NERA**, Ano 11, nº. 12 , p. 617, 2008.
- BUENO, C. T.; VELEDADASILVA, S. M. O patriarcado na agricultura familiar brasileira: reflexões a partir do município de São Lourenço do Sul – RS. **Revista NERA**, v. 23, n. 51, p. 279-299, 2020.
- CARDOSO, D. S.; NETO, N. T. Juventude, cidade e território: esboços de uma geografia das juventudes. *In: Seminário de Pesquisa: juventudes e cidade*,1., 2011, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, 2011. p. 1-19. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2019/09/JUVENTUDE-CIDADE-E-TERRIT%C3%93RI; O-ESBO%C3%87OS-DE-UMA-GEOGRAFIA-DAS-JUVENTUDES.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2023.
- CASSAB, C. ‘Como um fantasma sob a neblina...’ Os Jovens, a Cidade e a Política. **Caminhos de Geografia**, v. 10, n. 32, p. 57 – 68, 2009.
- CASSAB, C. Acidade como espaço público: uma interpretação pauta da na fala dos jovens. **Mercator**, v. 9, n. 20, p. 2010b.
- CASSAB, C. Os jovens e a cidade: relações e representações. **Revista de Geografia**, v. 27, n. 1, p. 2639, 2010a.
- CASTROGIOVANI, A. C. Trabalho de campo no ensino de geografia na escola de 1o e 2o graus. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 12, p.7174, 1984.
- CATANI, A. M; GILIOLI, R. S. P. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CESAR, T. R. A. O. **As relações de gênero como elemento da produção científica geográfica no Brasil**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

CORREA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DEGGERONE, Z. A., LAROQUE, L. F. S.; BARDEN, J. E. Agricultura familiar: o trabalho dos jovens na gestão e reprodução de um modo de vida na região Alto Uruguai, Rio Grande do Sul. **Boletim Goiânio de Geografia**, v. 34, n. 2, p. 367-379, 2014.

FARIA, G. J. A.; FERREIRA, M. L. A.; PAULA, A. M. N. R. “Rumo à cidade”: trajetórias laborais de mulheres migrantes em contextos rurais. **Campo Território: revista de geografia agrária**, v. 12, n. 17, p. 335-355, 2017.

FERREIRA, C. C. M. Ensino de Geografia: Uma Proposta Metodológica Para o Uso da Literatura Infanto-juvenil na Sala de Aula, por Professores de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 25, n. 1, p. 9 19,1999.

FOGUESATTO, C. R. et al. Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 37, n. 130, p.1528, 2016.

GOMES, M. Cartografia social e geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p.97110, 2017.

GOMES, P. C. C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. *In*: MENDONÇA, Francisco de Assis, LOWEN-SHAR, Cicilian Luiza, SILVA, Marcia da (Orgs.) **Espaço e tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia das juventudes**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GUITART, A. O.; RODÓ-DE-ZÁRATE, M. Etapa vital, classe social y estratégias de mujeres jóvenes universitárias frente a la crisis em Cataluña. *In*: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Diálogos Ibero-Latino-Americanos: sobre geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2017.

KAERCHER, N. A. Separatismo: autonomia x autoritarismo ou Através da fala dos adolescentes questionamos o senso comum. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 19 n. 1, p. 2130, 1992

MACHADO, L. C. M. P.; OLIVEIRA, L. O. Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de mapas e pré mapas. **Geografia**, v. 5, n; 910, p. 4966, 1980.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MENDES, J.; CASSAB, C. Programas habitacionais e a produção do espaço: processos de desterritorialização de jovens pobres em duas cidades médias. **Revista de Geografia**, v. 3, n. 1, p. p.18, 2013.

MESQUITA, H. A. Os meninos vão à luta. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 20, n. 12, p. 917, 2000.

MORIMITSU, J. C. B.; GOMES, M. F. V. B. A representação social da cidadania entre jovens de uma escola pública no estado do Paraná Brasil. **Caminhos de Geografia**, v. 20, n. 72, p.375–385, 2019.

NUNES, D. M.; SILVA, S. M. V. O ciberespaço e a geografia: notas iniciais sobre homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo tinder em Rio Grande – RS. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 199 215, 2020.

OLIVEIRA, V. H. N. et al. JUVENTUDES E ESPAÇO URBANO: IMAGENS SOBRE A CIDADE. **XXXV Encontro Estadual de Geografia (EEG) 2018-“A diversidade da Geografia e a Geografia da diversidade nas primeiras décadas do século XXI”**, n. 35, p. 9-9, 2018.

OLIVEIRA, V. H. N.; KAERCHER, A. N. O jovem contemporâneo por ele mesmo e as potencialidades da geografia escolar. **Geographia Meridionalis**, v. 1, n. 2, p. 291–314, 2015.

OLIVEIRA, V. H. N.; KAERCHER, A. N. De jovens e de geografias: os múltiplos olhares de jovens contemporâneos em relação a geografia escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, n. 12,p. 3652, 2016b.

OLIVEIRA, V. H. N.; KAERCHER, A. N. Do Perfil do Jovem Contemporâneo e das Potencialidades de Trabalho da Geografia Escolar. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 137147, 2017.

OLIVEIRA, V. H. N.; KAERCHER, A. N. Os jovens contemporâneos e a geografia escolar: uma leitura indispensável. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 7, n. 13, p. 421, 2016a.

PAGANELL, T. I. Para construção do espaço geográfico na criança. **Terra Livre**, n. 2, p. 129148, 1987.

PANUTTO, S. R.; STRAFORINI, R. Microterritórios em escolas públicas: (entre) discursos de alienação e subversão de jovens escolares. **Boletim campineiro de geografia**, v. 4, n. 3, p. 397 – 416, 2014.

PAULA, L. A. C.; HESPANHOL, R. A. M. Na memória das Marias: história oral, migrações, gerações e lugar no contexto de formação do assentamento Tucano em Euclides da Cunha Paulista – SP. **Revista Formação**, v.25; n.44, p.301-323, 2018.

PEDROSO, M. F.; GUIMARÃES, R. B. A análise da subjetividade em geografia da saúde: abordagem qualitativa de soro positivos em HIV em Presidente Prudente – SP. **Geoatos**, v. 2, n. 2, p. 19, 2015.

PEDROSO, M. F.; GUIMARÃES, R. B. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 8, n. 2, p. 23 50, 2017.

PINTO, V. A. M. Geometrias do poder e as espacialidades da produção científica da geografia brasileira de 1998 a 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

PINTO, Vagner André Moraes. Geometrias de poder e espacialidades da produção científica da geografia brasileira de 1998 a 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022, 240f.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. ¿Quién tiene Derecho a la Ciudad? Jóvenes lesbianas em Brasil y Cataluña desde las geografias emocionales e interseccionales. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n.1, p. 3 20, 2016.

SANTOS, A. F. S. Racialidades e a produção de artigos científicos no conhecimento geográfico brasileiro entre 2001 e 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.

SILVA, C. C. L.; SOUZA, L. F. Geografia e a perspectiva interseccional de gênero e raça: corporeidade e espaços que produzem o campo científico. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 125-148, 2022.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria. “Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos”. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. v. 7, n. 1, p. 132 – 154. jan. / jul. 2016.

SILVA, J. M. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. *In: SILVA, Joseli Maria(Org.). Geografias Subversivas: Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b.

SILVA, J. M. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. . *In: SILVA, Joseli Maria(Org.). Geografias Subversivas: Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009a.

SILVA, J.M.; ORNAT, M.J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. *In: SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios as praticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura**, n. 27, p. 39-56, 2010.

SOARES, M. L. A. A cidade de São Paulo no imaginário infantil piedadense. **Terra Livre**, n. 8, p. 133156, 1991.

STRAFORINI, R. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, ano 18, v. 1, n. 2, p. 95– 114, 2002.

SUERTEGARAY, M. D. RUMOS E RUMORES DA PÓSGRADUAÇÃO E DA PESQUISA EM GEOGRAFIA NO BRASIL. **Revista da ANPEGE**, [s. l.], v. 3, p. 11-19, 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6603/3603>. Acesso em: 6 abr. 2022.

TOLEDO, J. A. C.; CASSAB, C. O lazer, a periferia e os jovens: relações para discutir o crescimento pentecostal. **Terra Livre**. ano 34, v. 1, n. 52, p. 608640, 2019.

TURRA NETO, N. **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina/PR**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TURRA NETO, N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RÁEGA**, v. 23, p. 340375, 2011.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis: territórios e rede de sociabilidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TURRA NETO, N. Punk e hip hop como movimentos sociais?. **Cidades**, v.7, n. 11, p. 49 – 66, 2010.

TURRA NETO, N. Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. **Terr@ Plural**, v.6, n.2, p. 241255, 2012.

TURRANETO, N. Punk e hip hop na cidade: territórios e redes de sociabilidade. **Cidades**, v. 6, n. 9, p. 122154, 2009.

TURRANETO, Nécio. Vida noturna, a construção de um objeto de estudo para a Geografia. **Terr@ Plural**, v.11, n.1, p. 3141, 2017.